

Verdade ou Mentira?

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.” (Friedrich Nietzsche)

“É preciso dizer a verdade apenas a quem está disposto a ouvi-la.” (Sêneca)

Lemos o artigo que leva o título de “Verdade ou Mentira”, asseverando como uma matéria extraída de uma ou mais obras literárias no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/verdade-ou-mentira/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra-argumentação.

Percebemos que o estimado site pesquisou sobre a origem do Espiritismo, mas que no desenrolar do texto, tenta compará-lo às práticas divinatórias egípcias, marcadas nas páginas do êxodo do povo Judeu do antigo Egito, por volta do reinado de Ramsés II. Vejamos:

Um Pequeno histórico

O Espiritismo remota aos tempos mais antigos da Humanidade. Dele tomamos conhecimento através dos escritos da Bíblia, como advertência dos profetas de Deus para que não nos envolvamos com esta prática, pois ela esta em confronto com a Palavra de Deus. Os povos que adoravam a deuses estranhos e que não seguiam aos ensinamentos dados por Deus, eram usuários deste costume. Foi para que os adoradores do Verdadeiro Deus não se envolvessem com eles que Moisés falou: "Quando entrares na terra que o SENHOR teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daquelas nações." "Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro;" "Nem encantador, nem quem consulte a um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos;" "Pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR; e por estas abominações o SENHOR teu Deus os lança fora de diante de ti." (Dt 18:9 a 12)

O espiritismo é uma das heresias que mais cresce no mundo de hoje e está enraizada em quase todas as religiões, principalmente naquelas relacionadas com a Nova Era. O espiritismo é o mais antigo engano religioso que já surgiu. Porém, em sua versão moderna, começou no século XIX, ou pouco antes. Houve um avivamento, um recrudescimento ou um ressurgimento, com um fato que aconteceu com certa família, na América do Norte, em Hydesville (Nova Iorque), em 1848

Esta família se chamava Fox. O casal tinha duas filhas, Margarida (Margaret), de 14 anos, e Catarina (Kate), de onze, que foram protagonista de uma fatos que deram origem ao atual espiritismo.

Em meados de março de 1848, começaram a ouvir-se golpes nas portas e objetos que se moviam de um lugar para outro, sem auxílio de mãos, assustando

as crianças. Às vezes, a vibração era tamanha que sacudia as camas. Finalmente, na noite de 21 de março de 1848, a jovem Kate desafiou o poder invisível e repetiu o barulho como um estalar de dedos. O desafio foi aceito e cada estalar de dedos era repetido, o que surpreendeu toda a família. Dessa forma se estabeleceu contato com o mundo invisível, e a notícia alastrou-se por outras partes, admitindo-se que tais espíritos eram dos mortos.

Partindo desse acontecimento, que recebeu ampla cobertura dos meios de comunicação da época, propagou-se o espiritismo por toda a América do Norte e na Inglaterra. Na época, outros países da Europa também foram visitados, com sucesso, pelos espíritas norte-americanos. As irmãs Fox passaram à História como as fundadoras do Espiritismo moderno.

Na França, o figura máxima que deu força ao espiritismo é conhecida pelo nome de Allan Kardec. Chamava-se Hippolyte Léon Denizard Rivail, nascido em Lyon, em 3 de outubro de 1804. Era formado em letras e ciências, doutorando-se em medicina. Estudou com Pestalozzi, de quem se tornou fiel discípulo e cujo sistema educacional ajudou a propagar

Rivail tomou conhecimento de um algo extraordinário que acontecia no momento, e que causava um grande alvoroço na sociedade francesa: o fenômeno das mesas girantes e falantes, que afirmavam ser, um resultado da intervenção dos espíritos. A princípio ele não acreditou e rejeitou esta ideia, por considerá-la absurda. Porém, assistiu a uma reunião na casa da Sra. Plainemaison, onde presenciou fenômenos que o impressionaram profundamente, como ele próprio relatou depois.

Daí, foi um passo para manter contato com os espíritos que o orientaram a escrever e codificar seus ensinamentos. Dizia Kardec que havia recebido a missão de pregar uma nova religião, o que começou a fazer a 30 de abril de 1856. Um ano depois, publicou "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", que contribuiu para propagação desta "doutrina". Dotado de inteligência e inigualável sagacidade escreveu outros livros que deram mais força ao espiritismo: O Evangelho Segundo o Espiritismo, A Gênese, O Céu e o Inferno, e, O Livro dos Médiuns. Foi ele o introdutor no espiritismo da ideia da reencarnação. Fundou "A Revista Espírita", periódico mensal editado em vários idiomas.

Rivail (Allan Kardec) morreu em 1869.

Para aqueles que desejarem conhecer um pouco mais sobre a história do espiritismo, indicamos a leitura dos livros que citamos no final.

Primeiro ponto que devemos corrigir o autor é a alusão e comparação dos ensinamentos e práticas espíritas a necromancia citada e combatida por Moisés em Dt 18:9-12. Recomendamos aos leitores o estudo de nosso texto "[A Comunicação com os Mortos na Bíblia](#)". Porém, reproduziremos alguns trechos de lá para cá, a fim de esclarecer os pontos duvidosos do autor.

Ademais, analisando com mais vagar sobre a arte da necromancia, encontramos no Dicionário Aurélio, conforme abaixo:

Necro: Do gr. nekro < gr. nekrós, oû. O que significa 'morte'; 'cadáver'; 'extinto'.

Mancia: Do gr. -manteía. O que significa 'adivinhação', 'predição'.

A Necromancia tem a mesma formação das palavras Cartomancia, que significa adivinhação por meio de cartas de jogar, ou então Quiromancia que é a adivinhação pelo exame das linhas da palma da mão; quiroscopia. Igualmente, o termo adivinhação, nesse caso, provoca uma diferença considerável ao que estão nos postulados espíritas, onde Kardec não deixa uma linha sequer que aprove, ou até mesmo abone tais práticas. Por outro lado, o codificador previne de utilização indevida da mediunidade para fins de adivinhação, já que é alvo certo para mistificações. Tão logo, essa passagem de Deuteronomio 18.10-12, pode ser aplicada a quem quiserem menos aos espíritas que seguem as orientações de Jesus e da codificação de Allan Kardec já comentada anteriormente, porque os verdadeiros seguidores doutrinários, jamais se comunicam com os Espíritos visando adivinhação.

Neste intento, Severino Celestino, em sua obra “*Analisando as Traduções Bíblicas*” discorre muito bem sobre esta questão, situando as gritantes diferenças do objetivo no trato com os mortos, entre os povos primitivos, no caso em questão, os Egípcios e os espíritas de hoje. Assim ele arremata:

Quem conhece o Espiritismo sabe muito bem que **os espíritas não vão a cemitério debruçarem-se sobre túmulos**, nem ali dormir, para dialogar com os espíritos e **este era o costume daquela época**, por isso, proibido por Moisés.

Além disto, **os Espíritas não exigem a presença dos “mortos” nem evocam os espíritos superiores para deles obterem revelações ilícitas, nem delas tirarem benefícios pessoais**, mas esperam as suas **manifestações espontâneas**, para delas receberem **sábios conselhos** e proporcionarem alívio àqueles que sofrem. Se os Hebreus utilizassem a comunicação dos mortos **do mesmo modo e seriedade com que os Espíritas o fazem hoje**, certamente Moisés não os teria proibido de nada. Pelo contrário, tê-los-ia estimulado. Veja Números 11:26 a 30" (SILVA, 2012, p. 94, grifo nosso)

Baseando-me na obra “*Analisando as Traduções Bíblicas*”, segue o estudo a seguir que analisa a tradução de alguns textos da Bíblia Hebraica, ou seja, o Tanah, especialmente com relação à passagem tão propalada de Deuteronomio 18, onde é considerada a mais utilizada relativamente contra a Doutrina Espírita. Observem que na transliteração, foram consideradas as regras de acentuação da língua portuguesa, mas que salta aos nossos olhos algumas traduções que conhecemos. O que iremos perceber, é que o autor ao comparar as práticas Egípcias no reinado de Ramsés II e os ensinamentos espíritas, julgamos que as adulterações na tradução tem um objetivo. É o que veremos abaixo:

e) Deuteronomio, (18: 9-11) : Texto Hebraico.

כי אתה בא אל־הארץ אשר־יהיה אלהיך נתן לך לא־תלמד
לעשות כתושבת הגוים ההם: לא־תמצא בך משביר בנר
ובתו באש קסם קסמים מעוֹנן ומנחש ומכשף: וחבר חבר
ישאל אוב וידעי ודרכי אלהמתים:

Texto Hebraico Transliterado

"ki atá ba él-haaréts asher lahvéh Eloheichá noten lach lô tilmad la'assôt kto'avôt hagoim hahém. lô-imatzê bechá ma'avir benô-uvitô baêsh kôssen ksamim me'onem umnachêsh umchashêf : vchovêr vchavêr vshoêl ôv veid'oni vedorêsh el-hametim".

Tradução Literal

"ki=quando; atá=entrares; bá=fores, chegares ou entrares; él-haaréts=na terra; asher=ao qual; lahvéh=lahvéh; Eloheichá=teu Deus; noten lach=te dá; lô tilmad=não aprendas; la'assôt=fazer; kto'avôt=sujeiras, manchas, abominações; hagoim hahém=daquelas nações estrangeiras. lô-imatzê bechá=Não se achará entre ti; ma'avir benô-uvitô=quem faça passar seu filho ou sua filha; baêsh=pelo fogo; kôssen=nem encantador; ksamim=nem feiticeiros; me'onem=nem agoureiro; umnachêsh=nem cartomante; umchashêf= e nem mágico, bruxo, ou feiticeiro; vchovêr=nem mago; vchavêr=e semelhante; vshoêl ôv=nem quem consulte o necromante, o mágico ou o feiticeiro; veid'oni= e o mágico ou adivinho; vedorêsh= e quem exija a presença; el-hametim=dos mortos"

Analisemos agora todo este texto palavra por palavra para que você, leitor, possa tirar suas conclusões.

Começemos pelas recomendações de Moisés no Versículo nove(9) do Deuteronômio 18: **"Quando entrares ou chegares na terra que lahvéh teu Deus te dá, não aprendas a fazer as abominações daquelas nações"**.

Aqui começam as recomendações. A quem são dirigidas estas recomendações?

Aos Espíritas?

Claro que não!

"Quando entrares na terra que lahvéh te deu".

Quando quem entrar?

Certamente que Moisés se refere aos **"Bnei Israel"**, Filhos de Israel, ou o povo de Israel.

E a que terra prometida por Deus se refere Moisés?

Sabemos que o autor sagrado se refere à terra de Canaã ou terra prometida por Deus a Abraão e seus descendentes.

Ora, se estas recomendações foram dirigidas aos filhos de Israel ou Hebreus, nós, espíritas, 4.000 anos depois, não temos a menor responsabilidade sobre esse fato, pois por acaso, recebemos de Moisés a incumbência de ir para a terra prometida?

Parece-nos que os desejosos de atacar, a todo custo, o seu **"PRÓXIMO"** só porque possui outra filosofia religiosa, ficam tão presos às questões críticas e pessoais, que não percebem a verdadeira época e origem dos textos sagrados e a quem eles foram realmente dirigidos.

Vamos analisar, agora, o texto do Deuteronômio, o que de uma maneira geral, resume os demais e serve para que cada um possa tirar as suas dúvidas e conclusões.

lô-imatzê bechá=Não se ache contigo; **ma'avir benô-uvitô baêsh**=quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha.

Refere-se esta primeira parte ao costume entre os fenícios de queimar os primogênitos no altar de Moloq³⁵. Moisés proíbe ainda que nem sequer se faça oferta dos filhos e filhas de Moloq, fazendo-os passar pelo fogo (Lv. 18:21 – 2Rs. 23:10). Os acontecimentos bíblicos fazem pensar em ritos realizados para fundações ou em caso de derrotas e infortúnios (1Rs. 16:34; 2Rs. 3:27).

Maimônides⁸⁵, (1135-1204), filósofo, médico, mestre da literatura rabínica e um dos maiores iluminadores do povo judeu em todos os tempos, explica este procedimento: “Um grande fogo é aceso. O pai toma um de seus filhos e o entrega aos sacerdotes que são adoradores do fogo. Aqueles sacerdotes devolvem o filho ao pai, após ter sido entregue em suas mãos, para que possa ser passado através do fogo, com o consentimento do pai. O pai é quem passa o seu filho sobre o fogo, com a permissão do sacerdote. Ele faz seu filho andar com os próprios pés através das chamas, de um lado ao outro. De fato, em tal ritual, não se queima a criança em honra de Moloq como filhos e filhas eram queimados no ritual de uma espécie de idolatria, mas faz-se meramente com que ele passe através do fogo, a serviço do ídolo chamado Moloq”.

Veja a desobediência dos israelitas em 2 Reis 17:17: **“Fizeram passar pelo fogo seus filhos e filhas, praticaram a adivinhação e a feitiçaria, e venderam-se para fazer o mal na presença de lahvéh, provocando sua ira”**.

Eles ainda estavam muito ligados aos costumes egípcios, daí a preocupação de Moisés, Isaías faz referência em seu livro no Capítulo 19:3, sobre este costume que é herdado dos Egípcios. Veja seu comentário: **“O espírito dos egípcios será aniquilado no seu íntimo, confundirei o seu conselho. Eles irão em busca dos seus deuses vãos, dos encantadores e dos adivinhos” (vél-haovôt vél-haid'onim)**.

Na etimologia clássica grega, Cronos devorava seus filhos. A imolação de crianças na fogueira era acompanhada de cerimônias de encantamento destinadas a apaziguar o deus. Acáz, rei de Judá, realizou tais práticas e está em 2Rs. 16:2-4. Veja: **“Acáz tinha vinte anos quando começou a reinar e reinou dezesseis anos em Jerusalém. Não fez o que é agradável aos olhos de lahvéh, seu Deus, como havia feito David, seu pai. Imitou a conduta dos reis de Israel, e chegou a fazer passar pelo fogo, segundo os costumes abomináveis das nações de lahvéh havia expulsado de diante dos filhos de Israel”**.

Aqui existe, por parte da maioria dos tradutores, a tendência de utilizar um texto escrito, em um passado remoto, para adaptá-lo a uma realidade completamente diferente, no presente, tendo, principalmente, como objetivo condenar uma Doutrina que eles desconhecem.

Analise o versículo 10 e responda: Onde é quem no texto acima traduzido, estão as palavras **“médiuns, espiritismo, ou espírita ou espírito”** que tantos tradutores encontram?

Com um pouco de Exegese e Hermenêutica desprovidas de sectarismo religioso faz falta a muita gente!...

Agora observe a tradução da 35ª. edição da Bíblia, realizada pelo centro Bíblico Católico editora Ave Maria²²: **“Quando tiverdes entrado na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não te porás a imitar as práticas abomináveis da gente daquela terra. Não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem que se dê a adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao feiticismo, à magia, ao espiritismo, à adivinhação ou a evocação dos mortos”**. (tradução incorreta).

Está de acordo, caro leitor, com os textos hebraicos traduzidos acima?

Observe ainda o que coloca a Bíblia **“Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas¹³”** dos nossos irmãos Testemunhas de Jeová:

“Quando tiveres entrado na terra que Jeová, teu Deus, te dá, não debes aprender a fazer as coisas detestáveis dessas nações. Não se deve achar em ti alguém que faça seu filho ou sua filha passar pelo fogo, alguém que empregue adivinhação, alguém praticante de magia ou quem procure presságios, ou um feiticeiro, ou alguém que prenda outros com encantamento, ou alguém que vá consultar um médium Espírita, ou um prognosticador profissional de eventos, ou alguém que consulte os mortos”. (tradução incorreta).

Analise a tradução, comparando-a com o texto traduzido acima e tire suas conclusões... onde existe médium e espírita neste versículo? (SILVA, 2012, p. 85-89, grifos no original)

Após esta análise, vemos que há uma tentativa de se condenar a Doutrina Espírita em cima desta passagem, mesmo que estes que se arvoram em deturpar o Espiritismo, infelizmente venham adulterar um documento histórico. Embora, temos visto a tentativa de se “traduzir” e inserir nos originais hebraicos, neologismos espiritistas, tais como espiritismo e médium, onde as mesmas foram criadas em 1857 por Kardec, como poderiam estar nos originais?

Mediante tal fato caros leitores, comprova-se a tentativa de se convencer de que a Doutrina Espírita possui uma condenação Bíblica que não existe e o que é pior, por adulteração de um documento histórico que é crime.

Existem exemplos da comunicabilidade tanto no AT, como no NT, onde não poderia deixar de lembrar que se esta norma era uma determinação divina a sua proibição factual e irrestrita, certamente Jesus a violou quando se comunicou com os espíritos gloriosos de Moisés e Elias no Monte Tabor (Mt 17:1-13; Mc 9:2-8; Lc 9:28-36). Com efeito, se testificarmos que a proibição era sobre a forma de como se sucediam tais comunicações, o problema está resolvido, mas se não identificarmos estas diferenças, fatalmente Jesus veio a transgredir uma lei divina. Todavia, o nosso objetivo é identificar que esta proibição era da forma em que ocorria e não em sua proibição de ocorrer.

Outro ponto a corrigirmos o autor é que as irmãs Fox não fundaram a Doutrina Espírita no século XIX como propalado. O Espiritismo foi estabelecido pelos Espíritos e codificado por Kardec, vindo a surgir em 1857 e não que já existia antes de ser codificado pelo mestre lionês. Este é o ponto que o autor precisa se esclarecer melhor, antes de emitir uma opinião pessoal e infundada.

Parece que o autor desta matéria está um tanto quanto desinformado, certamente por não ter estudado sobre o que se propõe a condenar, quando atesta que as irmãs Fox foram as que propagaram a doutrina espírita na América do Norte e na Europa por volta de 1848, sendo que nem mesmo Kardec ainda o tinha codificado em 1857. Já de início começamos a perceber a desinformação do autor. Temos como conceito a verdade neste argumento ou uma inverdade? Certamente que é uma baita inverdade!

Outro ponto a salientar é a biografia resumida que fizeram sobre Kardec e o aconselhamento às biografias protestantes sobre a vida e obra de Kardec como codificador das mensagens dos espíritos e não que ele escreveu, a próprio punho, todas as obras da base de estudos sobre a Doutrina Espírita. Tanto é fato que ele, na condição de vulgo popular no meio acadêmico como Hippolyte Léon Denizard Rivail, no afã de não levar a obra ensinada e assinada pelos espíritos, escolhe um pseudônimo de Allan Kardec, tal como uma encarnação passada como Druída na Gália, a fim de que a obra por si só se empenhasse pelo seu conteúdo filosófico, moral e científico, tivesse o verdadeiro crédito aos espíritos que nos ensinaram e não ao seu grandioso trabalho diante da sociedade parisiense no meio acadêmico.

Recomendamos que os leitores que queiram conhecer a vida e obra deste erudito, tal como uma obra imparcial de um jornalista, o Marcel Souto Maior, que em sua obra "*Kardec – A Biografia*" nos traz uma posição imparcial e sem sofismas e inverdades que contra Kardec são lançadas, tal como o autor desta matéria teve o desfavor em publicar através do CACP. Passemos então para o ponto seguinte sobre a abordagem do conceito de Deus no espiritismo sobre a ótica interpretativa do autor.

O Conceito de Deus no Espiritismo

A doutrina espírita acerca de Deus é ambígua, ora assumindo aspectos deístas, ora aspectos panteístas, ora confundindo-se com a doutrina de Deus do Cristianismo histórico. Os autores espíritas parecem não conseguir estabelecer um consenso sobre esse assunto de vital importância. Até mesmos nas obras de um único autor encontram-se contradições flagrantes.

Sobre as qualidades de Deus, Allan Kardec define: "Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom". (O Livro dos Médiuns, cáp. I, 13)

Mas, depois, definindo a alma, nega sua imaterialidade, alegando que o imaterial é o "nada", ao passo que a alma é alguma coisa. Diante disto, será que o espiritismo acredita que Deus é nada?

A fim de explicar a existência de Deus, Allan Kardec, se vale de argumentos clássicos do deísmo, de que "não há efeito sem causa". De acordo com o conceito deísta, Deus teria criado o universo e depois se retirado dele, deixando-o entregue à ação das leis físicas que, desde então, governam, como se o universo fosse um grande relógio.

No Capítulo II, item 19, de "A Gênese" (Allan Kardec), lemos que são atributos de Deus: "Deus é, pois a suprema e soberana inteligência; é único, eterno, imutável, imaterial, todo poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições, e não pode ser outra coisa". Esta conceituação concorda com o que o Cristianismo histórico reconhece como alguns atributos divinos. Porém, o fato de uma determinada religião ou seita ter pontos em comum com o Cristianismo bíblico não é suficiente para lhe qualificar como cristã.

Embora o conceito espírita de Deus tenha nuances deístas e ao mesmo tempo uma certa semelhança com a doutrina bíblica, é inegável que ela às vezes também possui um forte sabor panteísta. Senão, vejamos o que León Denis escreveu: "Deus é a grande alma universal, de que toda alma humana é uma

centelha, uma irradiação. Cada um de nós possui, em esta latente, forças emanadas do divino foco." (Léon

Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, 5a. ed., pág. 246). Conceito totalmente panteísta!

Em outro lugar, Denis faz as seguintes assertivas acerca de Deus e sua relação com o universo (conceitos também panteísta): "Deus é infinito e não pode ser individualizado, isto é, separado do mundo, nem subsistir à parte... [Deus é o] Deus imanente, sempre presente no seio das coisas [sendo que] o Universo não é mais essa criação, essa obra tirada do nada de que falam as religiões. É um organismo imenso animado de vida eterna... o eu do Universo é Deus." (Léon Denis, *Depois da Morte*, pág. 114, 123, 124 e 349).

Entretanto a Palavra de Deus (a Bíblia), refuta com veemência estes ensinamentos. Façamos um rápido confronto doutrinário, em conformidade com a inspiração bíblica: •Deus é um ser pessoal: "Ele é um ser individual, com autoconsciência e vontade, capaz de sentir, escolher e ter um relacionamento recíproco com outros seres pessoais e sociais." (Millard J. Erickson, *Christian Theology*, Baker Book House, Grand Rapids, 1986, p. 269). Citaremos a seguir algumas provas bíblicas da personalidade de Deus:

a) Ele fala: "E disse Deus: Haja luz; e houve luz." (GN 1:3)

"HAVENDO Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho,"

"A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo." (HB 1:1 e 2)

b) Ele tem emoções (sentimentos):

Misericórdia: "Misericordioso e piedoso é o SENHOR; longânimo e grande em benignidade."

"Assim como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece daqueles que o temem." (SL 103:8 e 13)

Amor: "Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor." (1JO 4:8)

"E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado." (RM 5:5)

c) Ele tem vontade própria: "Mas o nosso Deus está nos céus; fez tudo o que lhe agradou." (SL 115:3)

•Deus é transcendente e imanente e também distinto de sua criação: A Bíblia mostra claramente que Deus não é um ser distante, que teria criado o universo e depois se ausentado dele, como pensa o deísmo. "Faz crescer a erva para o gado, e a verdura para o serviço do homem, para fazer sair da terra o pão," (SL 104:14)

"Porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos." (MT 5:45)

Pode-se ver, assim, que ele está presente na criação, tem interesse nela e cuida dela, principalmente do homem, criado à sua imagem e semelhança.

Transcendência: "Mas, na verdade, habitaria Deus na terra? Eis que os céus, e até o céu dos céus, não te poderiam conter, quanto menos esta casa que eu tenho edificado." (1RS 8:27)

Imanência: "Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o SENHOR. Porventura não encho eu os céus e a terra? diz o SENHOR." (JR 23:24)

"ASSIM diz o SENHOR: O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés; que casa me edificaríeis vós? E qual seria o lugar do meu descanso?" (IS 66:1)

Primeiramente, recomendamos a leitura de nosso texto "[O que é Deus?](#)" tanto para o autor como para os leitores, a fim de esclarecermos a divindade. Contudo, neste ponto, o autor divaga em diversas fontes na questão do que é Deus para o Espiritismo. Primeiramente, ele cita uma abordagem descuidada de que a Doutrina Espírita encerra uma visão panteísta de Deus. Vamos à obra *O Livro dos Espíritos*, mais especificamente nas questões de número 14 a 16 em que Kardec faz seus questionamentos aos espíritos, com suas respectivas respostas e o comentário final de Kardec, a fim de que mais uma vez possamos corrigir o autor desta matéria em que estamos respondendo.

PANTEÍSMO

14 Deus é um ser distinto, ou seria, segundo a opinião de alguns, resultante de todas as forças e de todas as inteligências do universo reunidas?

– Se fosse assim, Deus não existiria, porque seria o efeito e não a causa; Ele não pode ser ao mesmo tempo uma e outra coisa. Deus existe, não podeis duvidar disso, é o essencial. Crede em mim, não deveis ir além, não vos percais num labirinto de onde não podereis sair, isso não vos tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber e na realidade não saberíeis nada. Deixai de lado todos esses sistemas; tendes muitas coisas que vos tocam mais diretamente, a começar por vós mesmos. Estudai vossas próprias imperfeições a fim de vos desembaraçar delas, isso vos será mais útil do que querer penetrar no que é impenetrável.

15 O que pensar da opinião de que todos os corpos da natureza, todos os seres, todos os globos do universo, seriam parte da Divindade e constituiriam, pelo seu conjunto, a própria Divindade, ou seja, o que pensar da doutrina panteísta?

– O homem, não podendo se fazer Deus, quer pelo menos ser uma parte d'Ele.

16 Aqueles que acreditam nessa doutrina pretendem nela encontrar a demonstração de alguns atributos de Deus. Sendo os mundos infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; não havendo o vazio ou o nada em nenhuma parte, Deus está, portanto, em toda parte; Deus, estando por toda parte, uma vez que tudo é parte integrante de Deus, dá a todos os fenômenos da natureza uma razão de ser inteligente. O que se pode opor a esse raciocínio?

– A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer o absurdo disso.

Allan Kardec - Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de uma inteligência suprema, seria em tamanho grande o que nós somos em tamanho pequeno. Uma vez que a matéria se transforma sem parar, se assim

*for, Deus não teria nenhuma estabilidade, estaria sujeito a todas as mudanças e variações, a todas as necessidades da humanidade, e lhe faltaria um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. Não se pode imaginar que são as mesmas as propriedades da matéria e a essência de Deus, sem O rebaixar na nossa concepção. Todas as sutilezas do sofisma³ não conseguirão resolver o problema na sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que Deus é, **mas sabemos o que não pode deixar de ser, e a teoria do panteísmo está em contradição com suas propriedades mais essenciais**; ela confunde o criador com a criatura, exatamente como se afirmasse categoricamente que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu. A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor em seu quadro, mas **as obras de Deus não são o próprio Deus, assim como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.***

3 - Sofisma: argumento falso, enganoso, feito de propósito para induzir ao erro (N. E.). (KARDEC, 2004, p. 47-48, grifo nosso)

Enfim, através da demonstração acima, ratificamos que a visão de Deus na Doutrina Espírita é baseada na visão teísta e não panteísta, conforme nos trouxe a análise desatenta do autor do CACP. Diante disso, entendemos como uma grande inverdade dita pelo crítico neste texto em que respondemos. Enumeramos a segunda inverdade quanto ao conceito “duvidoso” da Doutrina Espírita ser panteísta em relação à ideia de Deus.

Não satisfeito, ele cita ainda a obra *O Livro dos Espíritos*, achando que é a sua fonte *O Livro dos Médiuns?*, no que tange a dar embasamento a sua tese de que a Doutrina Espírita é “duvidosa” no que concerne ao conceito de Deus ser panteísta em alguns casos e teísta em outros. Vejamos a citação da questão número 13:

13 Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, não temos uma ideia completa de seus atributos?

– Do vosso ponto de vista, sim, porque acreditais abranger tudo. Mas ficai sabendo bem que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente e que a vossa linguagem, limitada às vossas ideias e sensações, não tem condições de explicar. A razão vos diz, de fato, que Deus deve ter essas perfeições em grau supremo, porque se tivesse uma só de menos, ou que não fosse de um grau infinito, não seria superior a tudo e, por conseguinte, não seria Deus. Por estar acima de todas as coisas, Ele não pode estar sujeito a qualquer instabilidade e não pode ter nenhuma das imperfeições que a imaginação possa conceber.

Allan Kardec - *Deus é eterno. Se Ele tivesse tido um começo teria saído do nada, ou teria sido criado por um ser anterior. É assim que, de degrau em degrau, remontamos ao infinito e à eternidade.*

É imutável; se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam nenhuma estabilidade.

É imaterial, ou seja, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; de outro modo não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

É único; se houvesse vários deuses, não haveria unidade de desígnios, nem unidade de poder na ordenação do universo.

É todo-poderoso, porque é único. Se não tivesse o soberano poder, haveria alguma coisa mais ou tão poderosa quanto Ele; não teria feito todas as coisas e as que não tivesse feito seriam obras de um outro Deus.

É soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das Leis Divinas se revela nas menores como nas maiores coisas, e essa sabedoria não permite

duvidar de sua justiça nem de sua bondade. (KARDEC, 2004, p. 46-47, grifo no original)

Nesta citação correta que fizemos é onde se encontra o comentário do autor em afirmar que *“Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.”* Sendo que em seguida ele afirma que no conceito da Deus e a alma, dentro da Doutrina Espírita, remeteria a afirmação de que *“Mas, depois, definindo a alma, nega sua imaterialidade, alegando que o imaterial é o “nada”, ao passo que a alma é alguma coisa. Diante disto, será que o espiritismo acredita que Deus é nada?”*. Foi amplamente demonstrado pela codificação na citação ao item seguinte sobre o panteísmo que não somos partes de Deus, que a alma é imaterial, mas que o imaterial não é o “nada” e nem muito menos que Deus é o “nada”. Isso nos parece mais um sofisma. Com isso, temos a terceira inverdade dita pelo autor com essas conjecturas e pedimos que nos aponte na codificação todo este raciocínio.

Ainda tentando demonstrar que a Doutrina Espírita é panteísta, mas que até aqui já o constatamos que essa tentativa foi frustrada, o autor do texto cita a codificação mais uma vez, mais especificamente na obra *A Gênese*. Vejamo-la:

19. - Deus é, pois, a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições, e não pode ser diverso disso.

Tal o eixo sobre que repousa o edifício universal. Esse o farol cujos raios se estendem por sobre o Universo inteiro, única luz capaz de guiar o homem na pesquisa da verdade. Orientando-se por essa luz, ele nunca se transviará. Se, portanto, o homem há errado tantas vezes, é unicamente por não ter seguido o roteiro que lhe estava indicado.

Tal também o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Para apreciá-las, dispõe o homem de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar a si mesmo que toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos, que tenda não tanto a anulá-lo, mas simplesmente a diminuí-lo, não pode estar com a verdade.

Em filosofia, em psicologia, em moral, em religião, só há de verdadeiro o que não se afaste, nem um til, das qualidades essenciais da Divindade. A religião perfeita será aquela de cujos artigos de fé nenhum esteja em oposição àquelas qualidades; aquela cujos dogmas todos suportem a prova dessa verificação sem nada sofrerem. (KARDEC, 1995, p. 60, grifo nosso)

Após esta citação, ao qual fizemos questão de frisar, o autor desta crítica insiste em afirmar que o conceito de Deus é panteísta e cita León Denis em suas obras *Cristianismo e Espiritismo* e *Depois da Morte*. Vejamos agora as citações sem cortes.

Deus é a grande alma universal, de que toda a alma humana é uma centelha, uma irradiação. Cada um de nós possui, em estado latente, forças emanadas do divino Foco e pode desenvolvê-las, unindo-se estritamente à Causa de que é efeito. Mediante a elevação dos pensamentos para Deus, por meio da prece que brota das profundezas do ser e liga a Criatura ao Criador, produz-se uma penetração contínua, uma fecundação moral, uma expansão das riquezas que em nós jazem ocultas. Mas a alma humana ignora-se a si mesma; por falta de conhecimento e de vontade, deixa as suas capacidades em letargo. Em lugar de dominar a matéria, deixa-se por ela frequentemente dominar; eis a fonte dos seus males, das suas fraquezas, das suas provações.

É por isso que o Moderno Espiritualismo vem dizer a todos: Homens, elevai-vos pelo pensamento acima das mundanas coisas; elevai-vos bastante alto para compreenderdes que sois filhos de Deus; bastante alto para sentirdes que estais ligados a Ele, à sua obra imensa, fadados a um destino em face do qual tudo

mais é secundário. E esse destino é o ingresso na grande comunhão, na harmonia santa dos seres e dos mundos, a qual não se realiza senão em Deus, e por Deus unicamente! (DENIS, 2010, p. 302-303, grifo nosso)

A parte que destacamos no texto apresentado de Léon Denis, sem os cortes realizados pelo CACP, vem por oportuno esclarecer que, como Denis, conhecedor das obras básicas da Doutrina Espírita, jamais poderia ir de encontro a ela, se contradizendo ao afirmar uma ideia panteísta que seu texto não emana de nenhuma forma, a não ser pela vontade do CACP em legitimar as suas críticas, em cima de citações mutiladas de obras da codificação e também de Denis, que neste caso, da obra *Cristianismo e Espiritismo* nos elucida que as intuições do plano espiritual superior emanam do Eterno e que Ele é a sede dessas emoções, o que por hora, deixamos de nela estarmos, não de que somos a centelha divina partilhada no cosmos e que ao morrermos, voltaremos a sede desta centelha, sem preservar a individualidade, tal como foi a intenção do CACP em atribuir a uma análise simplória de um texto que tem por objetivo outro pensamento, a de estarmos vencendo a matéria e ligados a essência divina, preservando as mais altas emanções do espírito em prol de nosso próprio progresso, menos o panteísmo sugerido de forma errônea pelo CACP, ao qual não poderia ser outra, já que o capítulo X da obra que citamos e comentamos retrata da *Nova Revelação – A Doutrina dos Espíritos* que Denis, de forma brilhante, tece comentários profundos sobre discursos exarados na codificação de Kardec, sendo um deles sobre a essência divina, que de certa forma foi mal compreendida pelo CACP e por eles transmitida uma informação errônea. Vamos agora a outra obra de Léon Denis, mais precisamente a obra *Depois da Morte* e averiguar se ela retrata o tão aventado panteísmo sugerido pelo CACP. Vejamos:

IX O Universo e Deus

Acima dos problemas da vida e do destino levanta-se a questão de Deus.

Se estudarmos as Leis da Natureza, se procurarmos o princípio das verdades morais que a consciência nos revela, se pesquisarmos a beleza ideal em que se inspiram todas as artes, em toda parte e sempre, acima e no fundo de tudo, encontramos a ideia de um ser superior, de um ser necessário e perfeito, fonte eterna do bem, do belo e do verdadeiro, em que se identificam a lei, a justiça e a suprema razão.

O mundo físico ou moral é governado por leis, e essas leis, estabelecidas segundo um plano, denotam uma inteligência profunda das coisas por elas regidas. Não procedem de uma causa cega: o caos e o acaso não saberiam produzir a ordem e a harmonia. Também não emanam dos homens, pois que, seres passageiros, limitados no tempo e no espaço, não poderiam criar leis permanentes e universais. Para explicá-las logicamente, cumpre remontar ao Ser gerador de todas as coisas. Não se poderia conceber a inteligência sem personificá-la em um ser, mas esse ser não vem adaptar-se à cadeia dos seres. É o Pai de todos e a própria origem da vida.

Personalidade não deve ser entendida aqui no sentido de um ser com uma forma, porém, sim, como sendo o conjunto das faculdades que constituem um todo consciente. A personalidade, na mais alta acepção da palavra, é a consciência. É assim que Deus é antes a personalidade absoluta, e não um ser que tem uma forma e limites. **Deus é infinito e não pode ser individualizado, isto é, separado do mundo, nem subsistir à parte.** (DENIS, 2013, p. 93-94, grifo nosso)

Esta é a primeira citação de uma frase isolada enunciada pelo CACP e que fizemos questão de grifá-la, tal como as outras três frases que iremos citar adiante, tal qual uma colcha de retalhos que foi costurada pelo CACP, com o fito de comparar a ideia panteísta e de um Deus completamente distante do ser humano, o que a primeira vista não é este o real pensamento de Denis que prosseguirá, em sua obra, por mais

cinco páginas, a relatar que o universo não está lançado ao acaso e que Deus o rege através de suas leis e em toda a parte Ele se encontra na criação, tal como um grande maestro a levar uma bela sinfonia, mas vejamos mais adiante outras duas frases isoladas de Denis, citada pelo CACP. Vejamos:

[...] A Ciência, à proporção que se adianta no conhecimento da Natureza, tem conseguido fazer recuar a ideia de Deus, mas esta se engrandece, recuando. O Ser eterno, do ponto de vista teórico, tornou-se tão majestoso como o Deus fantástico da *Bíblia*. O que a Ciência derruiu para sempre foi a noção de um Deus antropomorfo, feito à imagem do homem, e exterior ao mundo físico. Porém, a essa noção veio substituir uma outra mais elevada, a de **Deus, imanente, sempre presente no seio das coisas**. Para nós, a ideia de Deus não mais exprime hoje a de um ser qualquer, porém, sim, a do Ser que contém todos os seres.

O Universo não é mais essa criação,⁷⁶ essa obra tirada do nada que falam as religiões. É um organismo imenso animado de vida eterna. Assim como o nosso corpo é dirigido por uma vontade central que governa os seus atos e regula os seus movimentos, do mesmo modo que através das modificações da carne nos sentimos viver em uma unidade permanente a que chamamos alma, consciência, eu, assim também o Universo, debaixo de suas formas cambiantes, variadas, múltiplas, reflete-se, conhece-se, possui-se em uma unidade viva, em uma razão consciente, que é Deus.

⁷⁶ Segundo Eugéne Nuss, *A la Recherche des Destinées*, cap. XI, o verbo hebreu que traduzimos pela palavra *criar* significa *fazer passar do princípio a essência*. [...] (DENIS, 2013, p. 99-100, grifo nosso)

Como pudemos observar, a tentativa do CACP em atribuir ao pensamento panteísta de Deus, bem como colocá-lo distante de sua criação, não logrou o resultado esperado, já que nossa citação, mesmo que em parte do capítulo IX, refletindo as duas frases isoladas depõe contra o pensamento do CACP e o coloca numa situação desconfortável ao examinarmos algumas páginas adiante deste mesmo capítulo onde Denis é mais direto quanto ao combate a ideia panteísta. Vejamos:

[...] A ideia de Deus, debaixo das formas diversas em que têm revestido, evolve entre **dois escolhos** nos quais esbarram numerosos sistemas. Um é o **panteísmo, que conclui pela absorção final dos seres no Grande Todo**. Outro é a **noção do infinito, que do homem afasta Deus, e por tal sorte que até parece suprimir toda a relação entre ambos**. [...] (DENIS, 2013, p. 103, grifo nosso)

Este argumento por parte de Denis cuidadosamente não mencionado pelo CACP e que depõe contra o próprio CACP o argumento que Denis apoia o panteísmo e o distanciamento de Deus de toda a sua criação é completamente falso. Seria mais honesto da parte do CACP citar as fontes completas sem cortes, mas a honestidade com os argumentos citados de obras espíritas não é a especialidade do CACP. Contudo, com o objetivo de dar o golpe de misericórdia nos argumentos do CACP, citaremos a sua última frase que se encontra no resumo da obra, mais especificamente no item II. Vejamos:

II. Assim como o homem, sob seu invólucro material, continuamente renovado, conserva sua identidade espiritual, esse eu indestrutível, essa consciência em que se reconhece e se possui, assim também o Universo, sob suas aparências mutáveis, se possui e se reflete numa unidade central que é o seu eu. **O eu do Universo é Deus**, lei vida, unidade suprema onde confinam e se harmonizam todas as relações, foco imenso de luz e de perfeição donde irradiam e se expandem, por todas as humanidades, Justiça, Sabedoria, Amor! (DENIS, 2013, p. 309, grifo nosso)

Desmanchada a colcha de retalhos dos argumentos do CACP. Acreditamos que a citação completa do desfecho da obra *Depois da Morte* de Denis já satisfaz a nossa intenção em provar que a tentativa do CACP em atribuir a esta obra a ideia panteísta não passa de mera tentativa regada ao insucesso. Cremos que nem mesmo o CACP saiba o que significa panteísmo e nem se deu o trabalho de pesquisar na codificação a refutação desta ideia e nem mesmo Denis com ela compartilha.

A fim de criar Deus à imagem do homem, o CACP cita a obra *Millard J. Erickson, Christian Theology, Baker Book House, Grand Rapids, 1986*, com a finalidade de lhe dar uma maior credibilidade em seus argumentos, totalmente antropomórficos de Deus e que iremos nos propor a refutar esta ideia. A partir da elucidação na insistência em inculcar no Espiritismo um conceito panteísta que é esclarecido não existir nem em Kardec e muito menos em Léon Denis, senão na vontade do autor deste artigo do CACP que estamos respondendo, há a definição de Deus dentro da visão do mesmo autor deste texto que iremos comentar nos cinco tópicos propostos. Vejamos:

- 1) **Deus é ser pessoal:** Na Doutrina espírita, o Eterno regula o universo através de suas leis e nem por isso deixa de estar presente em toda a sua criação. Com isso, cada ser humano tem a sua relação íntima com o Criador, não sendo, porquanto reservada aos biblistas;
- 2) **Ele fala:** Ao citarem Gn 1,3 passa a impressão que o Eterno tem um órgão similar ao de sua criação que lhe proporcionaria a fala, tal como o homem se dispõe das cordas vocais para expressar a sua vontade. Nesta narrativa, Moisés está passando a imagem de um Deus que para a época era aceito, principalmente quando se acreditava que Ele mesmo é quem se manifestava entre os encarnados. Contudo, a tentativa de se antropomorfizar o Eterno por si só não é mais cabível nos dias atuais. Seria como um pintor ao elaborar sua obra prima que é um quadro, fosse igualmente um quadro? Claro que não! Sempre, através dos tempos Deus se fez manifestar através de suas leis e mensageiros;
- 3) **Ele tem emoções (sentimentos):** A partir da tentativa em colocar Deus diante de nossa percepção, tal como um ser que possui as características humanas, tais como sentimentos, denota que o movimento a ser feito é colocar o Eterno num patamar diferente de sua criação. A citação de Sl 103,8 e 13 reforça o entendimento à época, assim como se diz que Deus se arrependeu, se irou e aplacou a sua vingança. São sentimentos meramente humanos que a humanidade com o seu progresso evolui em tencionar que hoje, não se cabe mais o conceito de um Deus antropomorfizado;
- 4) **Ele tem vontade própria:** Sua vontade se faz através de suas leis e não de vontades antropomórficas Sl 115,3;
- 5) **Deus é transcendente e imanente e também distinto de sua criação:** pela etimologia de transcendente, entendemos que este adjetivo ao Eterno, no dicionário de português on-line, vê que “excede em seu gênero; superior: espírito transcendente”^[1]. Já na filosofia, é “fora do alcance da ação ou do conhecimento: segundo certos filósofos, o real é transcendente ao pensamento”^[1]. Assim como também imanente, etimologicamente: “que existe sempre num dado objeto e é inseparável dele”^[2]. Já na filosofia, “diz-se da atividade ou casualidade cujos efeitos não passam do agente e diz-se de um ser que se identifica a outro ser. “(Na filosofia de Spinoza, Deus é imanente ao mundo.)”^[2], sendo este o mesmo pensamento de Léon Denis

vistos anteriormente em sua obra *Depois da Morte*. Tencionamos em pensar como o autor deste texto, onde o Eterno é transcendente e imanente como o definimos.

Após esclarecermos os atributos do Eterno, o Criador, passemos agora ao ponto seguinte abordado pelo autor da matéria do CACP que estamos respondendo, sobre como seria a concepção de Jesus na Doutrina Espírita. Vejamos:

Cristo no Espiritismo

Para falarmos na Divindade de Jesus Cristo, temos de falar também no assunto da Trindade, pois estas teses são básicas do Cristianismo bíblico e histórico e fazem parte do fundamento doutrinário que o distingue de todas as demais religiões e também da maioria das seitas pseudo-cristãs. O espiritismo, em geral, através de suas autoridades exponenciais, negam tanto a Trindade, quanto a Divindade de Jesus. Isto porque, em sua tentativa de oferecer ao homem um sistema religioso de auto-salvação, isto é, em que ele se salva por seus próprios méritos, excluem e negam a existência do Deus trino. Entretanto, a revelação bíblica aponta para a impossibilidade de o homem efetuar sua própria salvação, e mostra como o próprio Deus se encarnou para tornar possível ao homem o acesso ao seu Criador. No próximo item examinaremos a doutrina da salvação, do ponto de vista bíblico, em confronto com plano de salvação do espiritismo.

Grande parte dos escritores espíritas assumem uma posição frontalmente contrária à crença da Trindade. Para eles, Deus é um ser monopessoal, existindo em forma de uma só pessoa, o Pai, e negam que o Filho seja Deus e até rejeitam a existência do Espírito Santo como ser pessoal. O Jornal Espírita de março de 1953 respondendo à pergunta sobre se há mais de uma pessoa em Deus, declara o seguinte: "Não; a razão nos diz que Deus é um ser único, indivisível; que o Pai celeste é um só para todos os filhos do Universo". (Jornal Espírita, Rio de Janeiro, março 1953, p. 4)

A Bíblia, a Palavra de Deus, revela-nos um Deus trino, isto é um Deus eternamente subsistente em três pessoas, iguais entre si em natureza, essência e poder.

Muitos usam as passagens seguintes para dizer que Deus é um só, ou seja, uma unidade absoluta:

•"Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR." (DT 6:4) •"Vós sois as minhas testemunhas, diz o SENHOR, e meu servo, a quem escolhi; para que o saibais, e me creiais, e entendais que eu sou o mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá." (IS 43:10) •"Eu sou o SENHOR, e não há outro; fora de mim não há Deus; eu te cingirei, ainda que tu não me conheças;" (IS 45:5)

"Para que se saiba desde o nascente do sol, e desde o poente, que fora de mim não há outro; eu sou o SENHOR, e não há outro." (IS 45:6)

Essas passagens bíblicas afirmam claramente a unidade de Deus e demonstram que a natureza divina é indivisível. Poderíamos acrescentar outras passagens para reforçar esse aspecto da natureza de Deus. Entretanto, devemos levar em consideração que muitas vezes as Escrituras, principalmente no Antigo Testamento, apresentam determinadas realidades como sendo constituídas de uma unidade composta.

Por exemplo: o casamento. A Bíblia diz que "deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne" (Gn 2:24). É evidente que a unidade constituída por marido e mulher é uma unidade composta e não uma unidade simples ou absoluta. Da mesma forma, pode-se dizer que há no Antigo Testamento muitas evidências de que a unidade de Deus é uma unidade composta, como é indicado por muitas passagens, que revelam uma pluralidade de pessoas na Divindade. No Novo Testamento, por sua vez, a doutrina da Trindade é apresentada com clareza. (Para melhor compreensão, ver "A TRINDADE")

O espiritismo não só nega a Divindade de Jesus, assim como defende a tese de que seu corpo não era real, de carne e ossos, mas fluídico, dando apenas a impressão de real.

Léon Denis, seguindo a mesma linha de pensamento de Kardec, segundo a qual Jesus teria sido mero homem e elevado à categoria de Deus por seus seguidores. Diz ele:

•"Com o quarto Evangelho e Justino Mártir, a crença cristã efetua a evolução que consiste em substituir a idéia de um homem honrado, tornado divino, a de um ser divino que se tornou homem. Depois da proclamação da divindade de Cristo, no século IV, depois da introdução, no sistema eclesiástico, do dogma da Trindade, no século VII, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas, a fim de que exprimissem as novas doutrinas."

Assim se expressa Roustaing quanto à natureza do corpo de Jesus:

•"A presença de Jesus entre vós, durante todo aquele lapso de tempo, foi, com relação a vós outros, uma aparição espírita, visto que, pelas suas condições fluídicas, completamente fora dos moldes da vossa organização, seu corpo era harmônico com a vossa esfera, a fim de lhe ser possível manter-se longo tempo sobre a Terra no desempenho da missão com que a ela baixara."

Não queremos aqui negar que Cristo veio em plena humanidade, pois Bíblia afirma reiterada vezes a plena humanidade do Filho de Deus. O apóstolo João condenou os ensinamentos gnósticos de sua época, que entre outros ensinamentos negavam que Jesus tivesse vindo em carne, dizendo que o seu corpo humano era mera aparência. Diz o apóstolo:

•"AMADOS, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo." (1JO 4:1)

"Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus;" (1JO 4:2)

Quanto ao corpo de Jesus, vejamos o que o relato bíblico nos diz:

•"Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho." (LC 24:39)

Embora o corpo ressuscitado de Jesus tivesse propriedades extraordinárias, como a capacidade de materializar-se e desmaterializar-se:

•"Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes." (LC 24:31)

"E falando eles destas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco." (LC 24:36)

Tinha também a propriedade de entrar em ambientes fechados:

."Chegada, pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco." (JO 20:19)

Apesar das características acima, seu corpo era constituído de carne e ossos: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho." (LC 24:39)

Embora não seja nossa intenção nos aprofundarmos num estudo sobre a humanidade de Jesus, acrescento que Cristo experimentou sentimentos e necessidades humanos não pecaminosos, como:

•Cansaço: "E estava ali a fonte de Jacó. Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte. Era isto quase à hora sexta." (JO 4:6) •Sede: "Depois, sabendo Jesus que já todas as coisas estavam terminadas, para que a Escritura se cumprisse, disse: Tenho sede." (JO 19:28) •Fome: "E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome;" (MT 4:2)

Quanto a divindade de Cristo, o testemunho das Escrituras é plenamente reconhecido. Tanto os espíritas quanto os Testemunhas de Jeová, negam a divindade de Cristo. Para uma melhor compreensão do assunto, convido-o a ler: A DIVINDADE.

Neste terceiro aspecto da abordagem do CACP é mencionado fatos sobre a divindade de Jesus e a trindade, ao qual já respondemos no texto [O Espiritismo esclarece o dogma da Trindade](#) que não iremos retornar a este assunto, tanto que já realizamos um trabalho de resposta a este assunto que é mais uma forma de tornar o Cristianismo como um paganismo do que o real Cristianismo Apostolar que certamente não aventou na possibilidade de apregoar a ideia de que Jesus era Deus e muito menos a trindade que veio somente a ser aceita após intensos debates nos concílios, séculos à frente do Cristianismo Primitivo.

O que nos chamou à atenção foi a tentativa de colocar a obra de Roustaing como correlacionada, quando afirma que Jesus não veio num corpo de carne, como se Kardec ousasse em concordar com ele. Toda a Celeuma está na passagem de João, em sua epístola (1 Jo 4,1-2), quando atesta a encarnação de Jesus e seu corpo material, contrapondo o relato de Roustaing logo abaixo. Vejamos:

O corpo perispirítico de Jesus era mais material do que o corpo perispirítico do Espírito superior, nenhuma comparação podendo, entretanto, ser estabelecida a esse respeito. Maior ainda era a diferença entre esse corpo de Jesus e os vossos corpos de lama. Aquele participava em grande escala do corpo do homem nos mundos superiores, por isso que se compunha dos mesmos elementos, mas modificado, solidificado por meio dos fluidos *humanos* ou *animalizados*, de modo a manter-se, segundo a vontade do Mestre e as necessidades da sua missão terrena, visível e tangível para os homens, com todas as humanas aparências corporais do vosso planeta. (ROUSTAING, p. 163, grifo nosso) ^[3]

Percebemos outra grande inverdade do CACP, pois ao consultarmos a obra *A Gênese*, percebemos que por um lapso do CACP, Kardec argumenta que Jesus veio em carne. Vejamos:

Desaparecimento do corpo de Jesus

64. - O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte há sido objeto de inúmeros comentários. Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram. Viram alguns, nesse desaparecimento, um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível; numa palavra: uma espécie de agêner. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico, pode desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que ele se teria mostrado depois de sua morte.

É fora de dúvida que semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluidos; mas, seria, pelo menos, inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres. (Cap. XIV, nº 36.) Trata-se, pois, de saber se tal hipótese é admissível, se os fatos a confirmam ou contradizem.

65. - A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida (1). **Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade.** São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, cessa-lhes o funcionamento e sobrevém a morte, isto é, a do corpo. Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não repousa no jogo de órgãos especiais e não se podem produzir desordens análogas àquelas. Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão. Tal a razão por que não podem morrer os corpos dessa espécie e por que os seres fluídicos, designados pelo nome de agêneres, não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; foi sepultado como o são de ordinário os corpos e todos o puderam ver e tocar. Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de natureza diversa da do que pereceu na cruz; donde forçoso é concluir que, se foi possível que Jesus morresse, é que carnal era o seu corpo.

Por virtude das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Quem sofre não é o corpo, é o Espírito recebendo o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, absolutamente nula é a sensação. Pela mesma razão, o Espírito, sem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos, visto que estes resultam da alteração da matéria, donde também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que

não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente.

66. - Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais. Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem. (2)

Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, Q que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.

67. - Não é nova essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus. No quarto século, Apolinário, de Laodicéia, chefe da seita dos apolinaristas, pretendia que Jesus não tomara um corpo como o nosso, mas um corpo impassível, que descera do céu ao seio da santa Virgem e que não nascera dela; que, assim, Jesus não nascera, não sofrera e não morrera, senão em aparência. Os apolinaristas foram anatematizados no concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374; e no de Constantinopla, em 381.

Tinham a mesma crença os Docetas (do grego dokein, aparecer), seita numerosa dos Gnósticos, que subsistiu durante os três primeiros séculos. (3)

(1) Não falamos do mistério da encarnação, com o qual não temos que nos ocupar aqui e que será examinado ulteriormente.

Nota da Editora: Kardec, em vida, não pôde cumprir esta promessa, visto que, no ano seguinte, ao dar publicação a esta obra, foi chamado à Pátria Espiritual.

(2) **Nota da Editora:** Diante das comunicações e dos fenômenos surgidos após a partida de Kardec, concluiu-se que não houve realmente vão simulacro, como igualmente não houve simulacro de Jesus, após a sua morte, ao pronunciar as palavras que foram registradas por Lucas (24:39): - "**Sou eu mesmo, apalpa-me e vede, porque um Espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho.**"

(3) **Nota da Editora:** Não somente foram anatematizados os apolinaristas, mas também os reencarnacionistas e os que se põem em comunicação com os mortos. (KARDEC, 1995, p. 351-355, grifo nosso)

A parte ao qual fizemos questão de grifar foi justamente a afirmação de Kardec ao dizer que Jesus apresentava sim indícios de corporeidade, ou seja, que possuía um corpo físico, não dando margem para o CACP dizer que o pensamento de Roustaing e Kardec eram o mesmo, ou seja, de que Jesus tinha um corpo fluídico e não material. Sem meias palavras, o CACP mais uma vez trouxe uma inverdade, sendo esta a quarta inverdade que identificamos. Passemos porquanto ao quarto ponto de abordagem do CACP. Vejamo-lo:

Plano de Salvação do Espiritismo

O espiritismo ensina que o homem, através de sucessivas reencarnações, pelos seus próprios esforços e pela prática das boas obras vai aprimorando-se a si mesmo, sem necessidade do sacrifício vicário de Jesus Cristo. A Bíblia nos diz

que a nossa salvação é obra divina; o espiritismo diz que é esforço humano. A Bíblia diz que o sofrimento de Cristo visa a nossa expiação; o espiritismo diz que Jesus foi mero espírito adiantado, que nos serve apenas de exemplo. A Bíblia diz que o sangue de Cristo nos purifica de todo pecado e que o Espírito Santo nos ensina toda a verdade; o espiritismo, ignora a Trindade Divina, reduz toda a expiação à obra dos "espíritos" - os espíritos dos mortos, que nos orientam e aconselham, e o espírito de Cristo, que, tendo alcançado um nível superior, não obstante se encarnou para servir como exemplo.

Diz-nos Kardec, sobre a graça: "... se fosse um dom de Deus, não daria merecimento a quem a possuísse. O espiritismo é mais explícito, porque ensina que quem a possui a adquiriu pelos próprios esforços em suas sucessivas existências, emancipando-se pouco a pouco das suas imperfeições." (Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução, IV, XVII)

Que contradição com as Escrituras! Deus não nos salva com base em quaisquer méritos pessoais nossos, mas unicamente por sua graça: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus;"

"Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus." (RM 3:23 e 24)

O ensino espírita segundo o qual "Fora da caridade não há salvação" identifica a salvação com a prática de boas obras. Entretanto, as boas obras não salvam, nem ajudam ninguém a salvar-se. Paulo afirma em Efésios:

"Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus."

"Não vem das obras, para que ninguém se glorie;" (EF 2:8 e 9)

Ele declara que fomos criados em Cristo para as boas obras: "Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas." (EF 2:10). Portanto, não somos salvos pelas obras, mas para as boas obras.

As boas obras são o resultado da nossa fé em Cristo, pois quando nos tornamos novas criaturas, mediante a fé nele, abandonamos as práticas más e nos voltamos para a prática do bem. "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo." (2CO 5:17)

Logo, as boas obras são a manifestação do amor que a pessoa tem a Deus.

A Bíblia nos mostra claramente que todo o problema do homem é motivado pelo pecado, pois "todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3:23). Deus ama os pecadores, porém o pecado separa o homem de Deus:

"EIS que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem agravado o seu ouvido, para não poder ouvir."

"Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça." (IS 59:1 e 2)

O homem nada pode fazer para alcançar justificação diante de Deus. O sofrimento e as boas obras, como apregoa o espiritismo, jamais serão suficientes

para vencer a distância que o separa de Deus, pois, como expressou o profeta Isaías, "... todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniqüidades como um vento nos arrebatam." (IS 64:6)

O estado do homem é profundamente desesperador, porém não irremediável, "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (JO 3:16)

Jesus Cristo veio ao mundo com objetivo específico de "dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc 10:45)

Cristo se ofereceu a si mesmo a Deus pelos nossos pecados, para que possamos obter a salvação:

•"Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito;" (1PE 3:18) •"Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados." (1PE 2:24) Que contraste com o que ensina o espiritismo! Vejamos o que escreveu Léon Denis ao negar o valor do sacrifício de Cristo em nosso lugar:

•"Não; a missão do Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. Nada de exterior a nós poderia fazê-lo. É o que os espíritos, aos milhares afirmam em todos os pontos do mundo".

Percebe-se aqui uma contundente tentativa de negar o valor da obra expiatória de Cristo na cruz. Ao dizer que o sangue, "mesmo de um Deus", não poderia resgatar ninguém, Denis está implicitamente, mais uma vez, negando a divindade de Jesus, a qual, como vimos, é afirmada pelas Escrituras.

O conceito espírita de salvação é aquele que a Bíblia chama de "outro evangelho". Ele é tão contrário ao caminho da salvação de Deus que a Escritura o colocou sob a maldição divina:

•"Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho;"O qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo." "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema." (GL 1:6 a 8).

A salvação vem unicamente pela graça (favor imerecido) de Deus e não por qualquer coisa que a pessoa possa fazer para ganhar o favor de Deus, ou pela sua retidão pessoal. "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie". (Ef 2:8 e 9).

Neste ponto da abordagem, o CACP discursa sobre a questão da salvação pela fé e não pelas obras. Este é um assunto que como numa figura geométrica espacial, vê-se somente uma face dela, tal qual a passagem isolada de um dos textos de Paulo (Ef 2,8-9), a fim de lhes dar o embasamento necessário para a questão intrincada da

salvação pela fé. Temos diversos textos que já respondem esta questão e que enumeramos abaixo:

1. [A fé sem obras está morta](#)
2. [Seremos salvos ou teremos que nos salvar?](#)
3. [Reencarnação ou Penas Eternas?](#)

Contudo, após citarmos tais textos, faremos um apanhado geral e verificarmos o caráter de julgamento estabelecido por Jesus como sendo através das obras, já que afirmou sem meias palavras que será “a cada um segundo suas obras”. Antes, porém, vamos nos ater a introdução ao tema pelo CACP com uma passagem da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, com o fito de esclarecermos uma questão mutilada do texto de Kardec, dando a impressão de que a graça é de graça, sem o mínimo de esforço. Vejamos:

XVII. A virtude não pode ser ensinada; vem por dom de Deus aos que a possuem.

É quase a doutrina cristã sobre a graça; mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor e, então, pode perguntar-se por que não é concedida a todos. Por outro lado, **se é um dom, carece de mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui a virtude a adquiriu por seus esforços, em existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco de suas imperfeições.** A graça é a força que Deus faculta ao homem de boa vontade para se expungir do mal e praticar o bem. (KARDEC, 1996, p. 50, grifo nosso)

Em sua primeira citação, o CACP de forma habilidosa não colocou a frase anterior de Kardec dizendo *se a virtude é um dom de Deus, é um favor e, então, pode perguntar-se por que não é concedida a todos*, sendo a parte que destacamos a que foi citada pelo CACP, devido ao fato de ser um tanto desconfortável para o CACP ter que se justificar o dom gratuito das virtudes ser somente atribuída aos cristãos salvacionistas e não a todos indistintamente.

Traça-se uma tentativa do CACP em se elaborar a construção da validade do dogma do sacrifício vicário, e em seguida o quesito de se estabelecer uma possível contradição das Escrituras diante da Codificação Espírita, com base no axioma de que Deus não nos salva com base em quaisquer méritos pessoais nossos, mas unicamente por sua graça, tal como Paulo aos Romanos diz: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus." (Rm 3,23-24). Entendemos, tal como Paulo que a graça emanada do Mestre Jesus é gratuita, mas não desonera a responsabilidade individual, tal como o próprio Jesus também diz que “a cada segundo as suas obras” (Mt 16,27). Ademais, a redenção é individual, pois Jesus nos deixou o seu Evangelho com o objetivo de que pudéssemos trilhar por ele, caso contrário, se sua expiação fosse o objetivo principal da obra do Eterno, não seria necessário os anos de ensino à humanidade porque o Mestre Jesus se dedicou, registrados nas páginas do Evangelho. Portanto, a contradição encontrada pelo CACP é apenas aparente, pois o próprio Paulo reconhece que “Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; **o Senhor Ihe dará a paga segundo as suas obras**”. (2 Tm 4,14)

Segundo o CACP, o ensino espírita pelo qual "Fora da caridade não há salvação" identifica a salvação com a prática de boas obras. Entretanto, as boas obras não salvam, nem ajudam ninguém a se salvar, já que segundo o CACP, a palavra final está em Paulo

ao afirmar em Efésios: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie;" (Ef 2,8 e 9). Temos o seguinte entendimento desta passagem. Vejamos:

*** 1 Somos salvos por meio da fé, sem obras?** Ou com as boas obras? Se, somos salvos por meio da fé, então a fé não é um fim e sim um meio de se chegar a esta salvação, tão logo, o fim desta mesma fé são as boas obras, gerando conseqüentemente a salvação, mas se **a fé sem obras está morta** são as obras que dão vida à fé. A vida está nas obras, assim como a vida do corpo está no espírito. Ao menos que se mude a essência deste tópico.

*** 2 Criados para e não salvos pelas boas obras.** Criados para as obras? Ou criados para a fé? Se fôssemos criados para a fé, logo ela seria um fim e não um meio. Para os leitores entenderem melhor, a fé a que se refere Paulo é um meio de se chegar a graça que somente é **consumada através das obras**. Tão logo, sem as boas obras **a fé é morta**. Se a fé é morta, ela nada produz. Paulo enfatiza que a fé é um meio, as obras um fim para que andemos nelas, gerando o resultado da graça que é concedida por Deus, através da prática do **"amor ao próximo"**.

Ademais, fazemos o seguinte questionamento ao CACP e aos que aceitam a graça pela fé apenas, com o fito de obtermos uma resposta: A fé extraída da citação de Paulo é uma fé **com obras** ou uma **fé sem obras**? Iremos demonstrar nas linhas abaixo o que entendemos sobre tal assunto, versando sobre o contexto de Ef 2,8-10 e Tg 2,14-26, a fim de juntá-los e chegarmos ao veredicto.

O CACP não satisfeito mediante a posição isolada de Paulo, que aparentemente denota que não é preciso a prática das boas obras, sendo suficiente botar a sua Bíblia debaixo do braço e se dirigir a uma igreja e declarar ao pastor que aceita Jesus, pronto: está salvo! Não é bem assim, mesmo quando o CACP nos diz que Paulo declara que fomos criados em Cristo para as boas obras: "Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas." (Ef 2,10). E conclui o CACP em dizer que não somos salvos pelas obras, mas para as boas obras. Contudo, o próprio raciocínio que dispusemos nas linhas acima vai de encontro ao que o CACP tentou transmitir aos seus leitores, sendo que se não andarmos nas boas obras, certamente que nossa fé está morta e conseqüentemente a tão propalada salvação pela fé perde sua validade, caindo em descrédito a fragilidade do argumento do CACP. Tanto é fato que o CACP até deixa transparecer esta nossa tese, quando afirma que as boas obras são o resultado da nossa fé em Cristo, pois quando nos tornamos novas criaturas, mediante a fé nele, abandonamos as práticas más e nos voltamos para a prática do bem. "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo." (2 Co 5,17). É exatamente como defendemos, pois se não andarmos na prática do bem, não haverá salvação pela fé, já que a fé será morta e inoperante. Contudo, por um deslize, o CACP tenta inverter o conceito e arremata dizendo que as boas obras são a manifestação do amor que a pessoa tem a Deus. Não é bem assim, pois quem tem a fé no Eterno, busca incessantemente a sua reforma íntima e sobretudo, procura as boas ações através das obras, como forma prática de aplicação do segundo e grande mandamento: "Amar o próximo como a si mesmo". Este amor poderá ser somente evidenciado através das obras.

Segundo o CACP, a Bíblia nos mostra claramente que todo o problema do homem é motivado pelo pecado, pois "todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3,23). E continuando, diz que Deus ama os pecadores, porém o pecado separa o homem de Deus: "Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem agravado o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades

fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça." (Is 59,1-2). Mediante a citação de Isaías, o CACP tenciona o seu leitor da seguinte forma: o homem nada pode fazer para alcançar justificação diante de Deus. O sofrimento e as boas obras, como apregoa o Espiritismo, jamais serão suficientes para vencer a distância que o separa de Deus, pois, como expressou o profeta Isaías, "...todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam." (Is 64,6). A intenção do CACP em legitimar a crença de seus leitores no quesito de que não é preciso a prática das boas obras para se chegar à Deus, mas praticando a iniquidade, segundo Isaías, nos afastamos do Eterno. Logo, a citação do CACP não o favoreceu, pois se eu pratico a iniquidade, sou imprudente com minhas atitudes na sociedade e diante do próximo, segundo o CACP, vou logo para o inferno eterno, mas se praticar as boas obras, não serei salvo? Como é isso? Este conceito carece de toda lógica e a argumentação do CACP se torna frágil de se sustentar. Outro ponto abordado pelo CACP é com referência ao sofrimento, que nada mais é que o resultado de nossas ações, pois que se praticamos atos em desacordo com a providência divina, certamente que colheremos os frutos desta prática. Contudo, o arrependimento e o conseqüente resgate nos aproxima do Criador, não nos afasta como mais uma vez o CACP inabilmente tentou levar seus leitores a acreditarem e por tabela, condenar o Espiritismo pela lógica apresentada.

Mais adiante, o CACP diz que o estado do homem é profundamente desesperador, porém não irremediável, "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (Jo 3,16). Contudo esta citação está dentro do diálogo entre Jesus e Nicodemos que mais uma vez colocará o CACP numa saia justa, pois veremos a Deus se nascermos de novo, segundo Jesus, conforme explanamos em nosso artigo "[O Diálogo entre Jesus e Nicodemos](#)" que os leitores poderão conferir.

Ainda segundo o CACP, Jesus Cristo veio ao mundo com objetivo específico de "dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc 10,45) e ainda assevera que Cristo se ofereceu a si mesmo a Deus pelos nossos pecados, para que possamos obter a salvação: "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito;" (1 Pe 3,18) "Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados." (1 Pe 2,24). Segundo o CACP, em seu desfecho, conclui que há um contraste com o que ensina o Espiritismo. Somente diante das passagens da primeira epístola de Pedro, conotando ao CACP em colocar o sacrifício vicário acima dos ensinamentos de Jesus, o que a Bíblia oferece, caso omitirmos muitas outras passagens que nos assevera que misericórdia quero, não sacrifícios (Os 6,6). Contudo, não satisfeito, o CACP cita uma passagem isolada de Léon Denis que aparentemente nega o valor do sacrifício de Cristo em nosso lugar.

Encontramos a citação de Léon Denis que não possui nenhuma referência, no que tange a um comentário sobre a redenção da humanidade através do sacrifício expiatório de Jesus, outorgando o sangue como objeto reparador das faltas meramente individuais. Outrossim, para entendermos o pensamento de Denis, será preciso ver o desenvolvimento completo de seu raciocínio, sem mutilações, mesmo estas sem uma referência qualquer, mas que iremos destacá-la. Vejamos:

"Só há um Deus - diz S. Paulo⁽⁷⁰⁾ e um só mediador⁽⁷¹⁾ entre Deus e os homens, que é Jesus-Cristo, homem."

Mediador, isto é, intermediário, médium incomparável, traço de união que liga a Humanidade a Deus, eis o que é Jesus! Mediador e não redentor, porque a

ideia de redenção não suporta exame. E contraria a justiça divina; e contraria a ordem majestosa do Universo. Entre os mundos que rolam no espaço, aferra não e o único lugar de dor. Outras estancias há de sofrimento, em que as almas, cativas na matéria, aprendem, como aqui, a dominar seus vícios e adquirir qualidades que lhes permitirão o acesso a mundos mais felizes.

Se o sacrifício de Jesus fosse necessário para salvar a Humanidade terrestre, Deus deveria o mesmo socorro a outras Humanidades desgraçadas. Sendo, porém, ilimitado o número dos mundos inferiores em que dominam as paixões materiais, o filho de Deus seria, por isso mesmo, condenado a sofrimentos e sacrifícios infinitos. E inadmissível semelhante hipótese.

Com o seu sacrifício, dizem outros teólogos, Jesus "venceu o pecado e a morte, porque a morte é o salário do pecado é uma tremenda desordem na Criação⁽⁷²⁾.

Entretanto, morre-se depois da vinda de Jesus, como antes dele se morria. A morte, considerada por certos cristãos como consequência do pecado e punição do ser, e, todavia, uma lei natural e uma transformação necessária ao progresso e elevação da alma. Não pode ser elemento de desordem no Universo. Julgá-la por esse modo, não é insurgir-se contra a divina sabedoria?

É assim que, partindo de um ponto de vista errôneo, os homens da Igreja chegam as mais estranhas concepções. Quando afirmam que, por sua morte, Jesus se ofereceu a Deus em holocausto, para o resgate da Humanidade, não equivale isso a dizer, na opinião dos que creem na divindade do Cristo, que se ofereceu a si mesmo? E do que terá ele resgatado os homens? Não é das penas do inferno, pois que todos os dias nos repetem que os indivíduos que morrem em estado de pecado mortal são condenados as penas eternas.

A palavra pecado não exprime, em si mesma, senão uma ideia confusa. A violação da lei acarreta a cada ser um amesquinamento moral, uma reação da consciência, que é uma causa de sofrimento íntimo e uma diminuição das percepções animais. Assim, o ser pune-se a si mesmo. Deus não intervém, porque Deus é infinito; nenhum ser seria capaz de lhe produzir o menor mal.

Se o sacrifício de Jesus resgatou os homens do pecado, porque, então, inda os batizam? Essa redenção, em todo caso, não se pode estender senão unicamente aos cristãos, aos que tem conhecido e aceitado a doutrina do Nazareno. Teria ela, pois, excluído da sua esfera de ação a maior parte da Humanidade? Existem ainda hoje na Terra milhares, milhões de homens que vivem fora das igrejas cristas, na ignorância das suas leis, privados desse ensino, sem cuja observância, dizem, "não há salvação". Que pensar de opiniões tão opostas aos verdadeiros princípios de amor e justiça que regem os mundos?

Não, a missão do Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da Humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. Nada de exterior a nós poderia fazê-lo. É o que os Espíritos, aos milhares, afirmam em todos os pontos do mundo. Das esferas de luz, onde tudo é serenidade e paz, desceu o Cristo às nossas obscuras e tormentosas regiões, para mostrar-nos o caminho que conduz a Deus: tal o seu sacrifício. A efusão de amor em que envolve os homens, sua identificação com eles, nas alegrias como nos sofrimentos, constituem a redenção que nos oferece e que somos livres de aceitar. Outros, antes dele, haviam induzido os povos ao caminho do bem e da verdade. Nenhum o fizera com a singular doçura, com a ternura penetrante que caracteriza o ensino de Jesus. Nenhum soube, como ele, ensinar a amar as virtudes modestas e escondidas. Nisso reside o poder, a grandeza moral do Evangelho, o elemento vital do Cristianismo, que sucumbe ao peso dos estranhos dogmas de que o cumularam.

70 - Ep. a Timóteo. cap. li. 5.

71 - Essa expressão "mediador" e, além disso, aplicada três vezes a Jesus pelo autor da "Epistola aos Hebreus".

72 - De Pressensé, "Jesus Cristo, seu tempo, sua vida, sua obra", pag. 654. Encontra-se essa opinião em muitos autores católicos.

(DENIS, 1987, p. 89-92, grifo nosso)

Concordamos com Denis em sua explanação que põe fim ao dogma do sacrifício vicário preponderante à fé cristã da salvação imediata, sem ao menos levar a cabo o esforço individual em promover a reforma íntima que é individual e como Denis asseverou, o Cristo nos deixou o seu Evangelho para trilharmos por este caminho de redenção, não cabendo ao sangue de Jesus lavar-nos de nossos erros que se renovam diariamente.

O Espiritismo, por sua vez, atribui às virtudes àqueles que por elas merecerem e é somente através do esforço individual que angariamos as virtudes exercitadas com o processo das vidas sucessivas. Contudo, aos salvacionistas, atribuem aos poucos afortunados na fé paulina em adquirir aquilo que não merecem, mas pelo simples fato de uma aceitação do sacrifício vicário e a pincelagem em alguns poucos textos das epístolas paulinas, tal como as que nos foram apresentadas (Rm 3,23,24; Ef 2,8-10; 2Co 5,17) e também trechos das epístolas de Pedro (1Pe 3,18; 2,24).

Entendemos que os ensinamentos de Jesus são universais, já que o amor vivido pelo Mestre reflete muito a união dos povos através deste amor fraternal e não de uma religião, tal como propõe o CACP em julgar todas e não desenvolver a sua própria que talvez não tenha algo de bom a destacar. Ainda assim, arremata o CACP em afirmar que o Espiritismo apresenta um outro Evangelho (Gl 1,6-8), quando é proposto por Kardec que *Fora da Caridade não há Salvação*. Certamente Kardec disse isso baseado no mesmo evangelho que o CACP que neste tópico embasou a sua tese salvacionista em trechos pinçados de Paulo, muito mal compreendidos por sinal, mas que a obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* cita o mesmo ignorado Evangelho de Marcos, Mateus, Lucas e João, porém com as explicações e desenvolvimentos ditados pelos espíritos, ao qual iremos iniciar nossas exemplificações. Vejamos o conceito fundamentado pelo mestre Jesus, acerca da salvação.

Mt 25,31-46: Quando, pois vier o Filho do homem na sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e diante dele serão reunidas todas as nações; e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; **porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me.** Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: **Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes.** Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos; **porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; era forasteiro, e não me acolhestes; estava nu, e não me vestistes; enfermo, e na prisão, e não me visitastes.** E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna.

Diante do esboço traçado, os que aceitam a graça pela fé apenas, como o CACP, nos fazem o pertinente questionamento, trazendo a sua posterior e própria resposta: “Se quiserem pregar salvação pelas obras, como seria a condenação? Para sermos coerentes, devemos responder que seriam pelas obras também”. Depende da

abordagem, pois a salvação é pelas obras de amor ao próximo e a condenação é por não praticar tais obras de caridade, conforme exorta o Mestre: “*Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.*” Ou seja, estando à salvação ligada às boas obras, a condenação está ligada à ausência delas.

Podemos ver que o caráter de julgamento de tal parábola está de acordo com “**a cada um segundo as suas obras**” e vemos ainda as obras evidenciadas: **porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me.** Essa passagem simboliza o dia do juízo, dia que devemos prestar contas a Deus de tudo o que fizemos. Quem foi para a direita de Deus (bom lugar) foram os de fé ou os que fizeram obras? As obras exemplificadas são: dar de comer aos famintos, vestir os nus, dar água a quem tem sede, hospedar os viajantes, visitar os doentes e os prisioneiros, tudo isso são atos de amor ao próximo.

No simbolismo, a separação dos bons dos maus é pela fé de cada um? Pela religião? Ou pelas obras praticadas em favor ao próximo? Repetimos: “**Fora da Caridade não há Salvação**” e o caráter de julgamento continua sendo o mesmo: “**a cada um segundo as suas obras**”. Não é raro, mas nenhum comentário se vê da parte dos que aceitam a graça pela fé apenas sobre o caráter de julgamento nesta parábola ser **invariavelmente** através das obras. Este é o primeiro exemplo deixado pelo Mestre Jesus no mesmo Evangelho que o CACP fez questão de não mencionar, mas iremos trazer um outro exemplo na passagem de Mt 19,16-24, onde a recomendação de Jesus ao moço rico foi exatamente a de fazer a caridade, distribuindo seus bens com os pobres. O seguir a lei e os preceitos religiosos de nada valem sem a caridade.

No caso do CACP que aceita e divulga a graça pela fé apenas, dizem que a fé é suficiente, mas existe mais um exemplo de Jesus acerca da Parábola do Bom Samaritano. Vejamos:

Lc 10,29-35: **E eis que se levantou certo doutor da lei e, para o experimentar,** disse: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Perguntou-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como lês tu? Respondeu-lhe ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. Tornou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso, e viverás. “Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? Jesus, prossequindo, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de salteadores, os quais o despojaram e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. Casualmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e vendo-o, passou de largo. De igual modo também um levita chegou àquele lugar, viu-o, e passou de largo. **Mas um samaritano,** que ia de viagem, chegou perto dele e, vendo-o, **encheu-se de compaixão; e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele.** No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que gastares a mais, eu to pagarei quando voltar”.

Tendo em vista que esta parábola refletia um ensinamento aos Sacerdotes, Levitas, Fariseus, dentre outros religiosos mais que colocavam as práticas exteriores acima do amor ao próximo, expressado anteriormente na mais ampla aplicabilidade prática e diária, há um ensinamento implícito nesta passagem que precisa ser desvelado. O ensino propiciado por Jesus nessa edificante parábola é dos mais significativos. Nele há o exercício da caridade despreziosa, incondicional, em seu sentido amplo, sem limitações.

O samaritano, considerado herege e apóstata pelos judeus ortodoxos, foi o paradigma tomado pelo Mestre para nos ensinar tão profundo ensinamento. **O "X" da parábola consiste em fazer evidenciar aos nossos olhos que, o indivíduo que se intitula religioso e se julga virtuoso aos olhos de Deus, nem sempre é o verdadeiro expoente de virtudes que julga possuir.** Ensina aos outros como fazer caridade, mas ele nem de longe quer praticá-la. O sacerdote que passou primeiramente, certamente atribuía a si qualidades excepcionais e se julgava zeloso cumpridor da lei e dos preceitos religiosos. Ao deparar com o moribundo, quem sabe balbuciou uma prece em seu favor, mas daí até a ajuda direta a distância é enorme. O mesmo deve ter sucedido com o levita um homem considerado especial dentre os demais por fazer parte da Tribo de Levi, sendo esta uma das 12 Tribos de Israel. Diante destes dois exemplos, poderíamos considerar que o Sacerdote e o Levita, mesmo que ocupando os mais prestigiosos cargos Religiosos e muito respeito pelo povo Judeu, não tiveram condições de expressarem o verdadeiro amor ao próximo como Virtude Ativa (Caridade), pois estavam presos aos hábitos exteriores da fé sem obras e, por conseguinte, morta!

O samaritano, considerado desprezível pelos judeus ortodoxos, devido a preconceitos religiosos, mas cumpridor dos seus deveres humanos, não se limitou a condoer-se do moribundo. Chegou-se a ele e o socorreu da melhor forma possível, levando-o em seguida a um lugar de repouso onde o assistiu melhor, recomendando-o ao hospedeiro e prontificando-se a ressarcir todos os gastos quando de sua volta. O amor ao próximo, ou a caridade (virtude ativa) foi ali dispensada a um desconhecido, e quem a praticou não objetivou recompensa, o que não é muito comum na Terra, onde todos aqueles que praticam atos caridosos, logo pensam nas recompensas futuras, na esperança de uma retribuição na vida espiritual.

Os samaritanos eram dissidentes do sistema religioso implantado na Judeia, eram provenientes de Samaria, adversários e contrários a todo e qualquer sistema religioso da época. Com o intuito de demonstrar a precariedade dos ensinamentos da religião oficial e com o paradoxo deste exemplo do Samaritano, Jesus passou não somente o ensinamento àqueles Judeus ortodoxos, mas a toda a humanidade de que vamos ser todos julgados pelas obras e não pela religião, ou fé que professamos. No desfecho da parábola, entendemos a recomendação de Jesus:

Lc 10,36-37: Qual, pois, destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? **Respondeu o doutor da lei: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Disse-lhe, pois, Jesus: Vai, e faz tu o mesmo.**

Não obstante, se "Amar o próximo como a nós mesmos", está de acordo com a parábola acima, logo está em consonância com as passagens de Mt 7,22-24, Mt 25,31-46 e Mt 6,3. Acusados que fomos de pregar "outro Evangelho", o CACP lança mão de anátema aos Espíritas e ignoram todo o Evangelho, o caráter de julgamento e atitude virtuosa para com o próximo. Com isso, não citam as palavras de Jesus como ponto basilar de caráter no proceder de atitude de amor com o próximo e julgamento pelas obras que cada um passará. Não raro, vamos ainda dar um terceiro exemplo que também está nas Escrituras, mas o CACP não citou, após as exposições que nos dispusemos a realizar até o momento, entendemos que é por meio das obras que confirmamos a fé. Depreendemos com o apóstolo Tiago pode nos elucidar:

Tg 2,18: Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, **com as obras, te mostrarei a minha fé.**

Tendo em vista a nossa ideia de seguir ao que nos propusemos, de acordo com as considerações iniciais, cremos que **a fé sem obras está morta** e não temos fé e, por isto, devemos fazer as obras, pois, **temos obras e por isso confirmamos a nossa fé**. Querer induzir aos leitores do CACP de que os salvos são preparados para realizarem as boas obras, já que estão salvos, mas quem realizar todas as recomendações de Jesus não será condenado (Mt 25,31-46), já que é pelas obras que se reconhece o verdadeiro cristão e não a fé que ele professa. Seria como inverter o tema proposto em dizer que as obras dependem da fé e que **“as obras sem a fé são mortas”**, mas é a fé quem depende das boas obras para ser consumada, pois:

Tg 2,22: Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, **foi pelas obras que a fé se consumou**.

Tanto que **se não há boas obras, não haverá fé e se há boas obras, invariavelmente haverá a fé genuína e verdadeira**. Após tantos exemplos citados, vimos por fim citar o caráter de julgamento que cada um passará e a certeza de que é pelas obras. Finalizando esta análise, para o CACP que aceita e divulga a graça pela fé apenas: *“já é salvo: ‘Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele’*. E assim eles comentam que crer em Cristo em primeiro lugar, pois quem crê o ama, não há como crer em alguém sem amá-lo ou amá-lo sem crer e, como consequência, cumpre seus mandamentos, exteriorizando pelas obras que fazemos a Deus e ao próximo.”

Todavia, é preciso ter e guardar os Seus mandamentos, já que é preciso colocá-los em prática, pois, sem a prática, não haverá como ser recompensado e muito menos como receber o galardão (Mt 25,31-46). Destarte, há evidências demais para **fundamentarmos** que **“a fé sem obras está morta”** e citaremos inúmeros outros exemplos que corroboram esta tese de que **“A cada um segundo as suas obras”**, conforme abaixo:

Jó 34,11: **Pois retribui ao homem segundo as suas obras** e faz que a cada um toque segundo o seu caminho.

Sl 28,4: **Paga-lhes segundo as suas obras**, segundo a malícia dos seus atos; dá-lhes conforme a obra de suas mãos, retribui-lhes o que merecem.

Sl 62,12: e a ti, Senhor, pertence a graça, pois **a cada um retribuis segundo as suas obras**.

Pv 24,12: Se disseres: Não o soubemos, não o perceberá aquele que pesa os corações? Não o saberá aquele que atenta para a tua alma? **E não pagará ele ao homem segundo as suas obras?**

Os 12,2: O Senhor também com Judá tem contenda e castigará Jacó segundo o seu proceder; **segundo as suas obras, o recompensará**.

Ap 18,6: Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu, **pagai-lhe em dobro segundo as suas obras** e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela.

Ap 20,12: Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. **E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros**.

Ap 20,13: Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram

os mortos que neles havia. **E foram julgados, um por um, segundo as suas obras.**

Ap 22,12: E eis que venho sem demora, e **comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras.**

Após amplo discurso em defesa da salvação pelas obras, ou seja, as atitudes de amor para com o próximo, em passagens amplamente ignoradas pelo CACP, identificamos mais uma inverdade do CACP, pois ignoraram todo o Evangelho que dá a palavra final a Jesus que nos trouxe exemplos fartos e o caráter de julgamento ser através das obras e não da fé. Passemos, porquanto, ao próximo tópico abordado pelo CACP.

A Bíblia no Espiritismo

O espiritismo nega textualmente a inspiração divina da Bíblia, ensina que o registro bíblico não deve ser tomado literalmente.

Eis o que Kardec diz a respeito das Escrituras:

•A Bíblia contém evidentemente narrativas que a razão desenvolvida pela ciência, não poderia aceitar hoje em dia; igualmente, contém fatos que parecem estranhos e repugnantes, porque se ligam a costumes que não são adotados... A ciência, levando suas investigações até a entranhas da terra, e à profundidade dos céus, tem pois demonstrado de modo irrecusável os erros da Gênese mosaica tomada à letra, e a impossibilidade material de que as coisas se hajam passado tal com estão relatadas textualmente... Incontestavelmente, Deus, que é toda verdade, não pode induzir os homens ao erro, nem consciente, nem inconscientemente, pois então não seria Deus. E, pois, se os fatos contradizem as palavras que a ele são atribuídas, necessário se torna concluir, logicamente, que ele não as pronunciou, ou que elas foram tomadas em sentido diverso... Acerca desse ponto capital, ela [a ciência] pôde, pois, completar a Gênese e Moisés, e retificar suas partes defeituosas." (Allan Kardec, A Gênese, IV, 6, 7, 8 e 11).

Léon Denis, outra autoridade do espiritismo, assim se expressa sobre o valor da Bíblia:

•"... não poderia a Bíblia ser considerada "a palavra de Deus" nem uma revelação sobrenatural. O que se deve nela ver é uma compilação de narrativas históricas ou legendárias, de ensinamentos sublimes, de par com pormenores às vezes triviais". (Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo, FEB, São Paulo, s.d., 7a. ed., pág. 267).

Assim, o espiritismo, através de suas maiores autoridades, nega a revelação divina encontrada nas Escrituras, relegando-as ao nível de uma mera compilação de fatos históricos e lendários. É curioso, entretanto, que querendo dizer-se cristão, o espiritismo freqüentemente lance mão das Escrituras, citando-as com profusão quando lhe convém.

Isto significa que para os espíritas não faz diferença se a Bíblia é ou não a Palavra de Deus - desde que possam usá-la quando desejam dar à sua crença uma aparência cristã, ou seja, citando passagens isoladas que parecem dar apoio à teorias espíritas. Quando, porém, o ensino claro das Escrituras refuta

essas mesmas teorias, dizem então que elas não são a inerrante Palavra de Deus pela qual devemos testar o que cremos.

Portanto, o espiritismo não é uma religião cristã, pois nega a inspiração do Livro que é a base do cristianismo, assim como os seus ensinamentos. Com o que concorda o escritor espírita Carlos Imbassy, quando escreveu:

•"O espiritismo não é um ramo do Cristianismo como as demais seitas cristãs. Não assenta seus princípios nas Escrituras... a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome - Espiritismo." (Carlos Imbassy, À Margem do Espiritismo, p. 126)

Neste ponto, o CACP cita diversos trechos mutilados da obra *A Gênese*, onde Kardec traz alguns discursos e, ao nosso ver, com muita má-fé o CACP se valeu de mais uma colcha de retalhos em seus argumentos, a fim de validar o seu detrimento acerca do Espiritismo com o trato com a Bíblia. Vamos aos fatos.

6. - A Bíblia, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela Ciência, não poderia hoje aceitar e outros que parecem estranhos e derivam de costumes que já não são os nossos. Mas, a par disso, haveria parcialidade em se não reconhecer que ela guarda grandes e belas coisas. A alegoria ocupa ali considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se patenteiam, desde que se desça ao âmago do pensamento, pois que logo desaparece o absurdo.

Por que então não se lhe ergueu mais cedo o véu? De um lado, por falta de luzes que só a Ciência e uma sã filosofia podiam fornecer e, de outro lado, por efeito do princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito ultra cego à letra, e, assim, pelo temor de comprometer a estrutura das crenças, erguida sobre o sentido literal. Partindo, tais crenças, de um ponto primitivo, houve o receio de que, se se rompesse o primeiro anel da cadeia, todas as malhas da rede acabassem separando-se. Fecharam-se então os olhos obstinadamente. Mas, fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando uma construção se afasta do prumo, não manda a prudência que se substitua imediatamente as pedras ruins por pedras boas, em vez de se esperar, pelo respeito que infunde a vetustez do edifício, que o mal se torne irremediável e que se faça preciso reconstruí-lo de cima a baixo? (KARDEC, 1995, p. 87-88, grifo nosso)

De acordo com o que foi afirmado pelo CACP de que o Espiritismo não se apega a literalidade das Escrituras, certamente é para que não se tomem as fábulas por verdades inquestionáveis. Contudo a nossa abordagem inicial ao item 6 do capítulo V e não erroneamente citado pelo CACP como IV citado acima, grifamos a parte que o CACP de forma desonesta apresenta aos seus leitores e omite a parte seguinte em que Kardec diz em seguida *"Mas, a par disso, haveria parcialidade em se não reconhecer que **ela guarda grandes e belas coisas**. A alegoria ocupa ali considerável espaço, ocultando sob o seu véu **sublimes verdades**, que se patenteiam, **desde que se desça ao âmago do pensamento, pois que logo desaparece o absurdo**".* Nem precisaremos argumentar, pois o CACP preso ao instinto detrator do Espiritismo, com muita má-fé induz seus leitores a pensarem que Kardec desprezava as Escrituras. Antes disso, Kardec nos mostra a verdade velada através de grandes verdades sob alegorias. Passemos ao item 7 do mesmo capítulo IV seguinte.

7. - Levando suas investigações às entranhas da Terra e às profundezas dos céus, demonstrou a Ciência, de maneira irrefragável, os erros da Gênese moisaica tomada ao pé da letra e a impossibilidade material de se terem as coisas passado como são ali textualmente referidas. Ora, assim procedendo, a Ciência, do mesmo passo, fundo golpe desferiu em crenças

seculares. A fé ortodoxa se sobressaltou, porque julgou que Ihe tiravam a pedra fundamental. Mas, com quem havia de estar a razão: com a Ciência, que caminhava prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e da observação, sem nada afirmar antes de ter em mãos as provas, ou com uma narrativa escrita quando faltavam absolutamente os meios de observação? No fim de contas, quem há de levar a melhor: aquele que diz 2 e 2 fazem 5 e se nega a verificar, ou aquele que diz que 2 e 2 fazem 4 e o prova? (KARDEC, 1995, p. 88, grifo nosso)

Já sobre o item 7 vem a colidir com o que tentou passar pelo CACP a impressão que quis passar de que a Ciência contradiz as Escrituras, antes, porém, Kardec neste capítulo, tem por objetivo entrelaçar a ciência com a religião, narrando os antigos e atuais sistemas do mundo. Os erros atribuídos a Gênese mosaica é pela sua literalidade e não o sentido velado que Kardec destrinchou no capítulo IV anterior a este que estamos desenvolvendo, onde foi tratado o papel da Gênese na Ciência. Vamos, porquanto ao item 8.

8. - Mas, objetam, se a Bíblia é uma revelação divina, então Deus se enganou. Se não é uma revelação divina, carece de autoridade e a religião desmorona, a falta de base.

Uma de duas: ou a Ciência está em erro, ou tem razão. Se tem razão, não pode fazer seja verdadeira uma opinião que Ihe é contrária. Não há revelação que se possa sobrepor à autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, não é possível que Deus, sendo todo verdade, induza os homens em erro, nem ciente, nem inscientemente, pois, do contrário, não seria Deus. Logo, se os fatos contradizem as palavras que Ihe são atribuídas, o que se deve logicamente concluir é que ele não as pronunciou, ou que tais palavras foram entendidas em sentido oposto ao que Ihes é próprio.

Se, com semelhantes contradições, a religião sofre dano, a culpa não é da Ciência, que não pode fazer que o que é deixe de ser; mas, dos homens, por haverem, prematuramente, estabelecido dogmas absolutos, de cujo prevalecimento não feito questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas com cujo sacrifício temos de resignar-nos, bom. ou mau grado, quando não conseguimos evitá-lo. Desde que o mundo marcha, sem que a vontade de alguns possa detê-lo, o mais sensato é que o acompanhem e nos acomodemos com o novo estado de coisas, em vez de nos agarrarmos ao passado que se esboroa, com o risco de sermos arrastados na queda. (KARDEC, 1995, p. 88-89, grifo nosso)

Neste item 8 abordado por Kardec em sua íntegra e citado pelo CACP somente a parte que grifamos, Kardec começa o seu discurso em dizer-nos que há duas possibilidades da gênese mosaica ou estar sendo mal compreendida, ou em sua literalidade estão em divergência com os fatos apresentados pela Ciência, nada mais além disso. Para encerrar nossa abordagem pelas citações do CACP, trazemos a apresentação do item 9, 10 e 11, sendo este último citado pelo CACP, mas que julgamos necessário a citações dos itens 9 e 10 por encerrar o pensamento de Kardec sem sofismas.

9. - Por guardar respeito aos Textos Sagrados, dever-se-ia obrigar a Ciência a calar-se? Fora tão impossível isso, como impedir que a Terra gire. As religiões, sejam quais forem, jamais ganharam coisa alguma em sustentar erros manifestos. A Ciência tem por missão descobrir as leis da Natureza. Ora, sendo essas leis obra de Deus, não podem ser contrárias a religiões que se baseiem na verdade. Lançar anátema ao progresso, por atentatório à religião, é lançá-lo à própria obra de Deus. É ao demais, trabalho inútil, porquanto nem todos os anátemas do mundo seriam capazes de obstar a que a Ciência avance e a que

a verdade abra caminho. Se a Religião se nega a avançar com a Ciência, esta avançará sozinha.

10. - Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da Ciência, as quais funestas só o são às que se deixam distanciar pelas ideias progressistas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças. Elas, em geral, fazem tão mesquinha ideia da Divindade, que não compreendem que assimilar as leis da Natureza, que a Ciência revela, é glorificar a Deus em suas obras. Na sua cegueira, porém, preferem render homenagem ao Espírito do mal, atribuindo-lhe essas leis. Uma religião que não estivesse, por nenhum ponto, em contradição com as leis da Natureza, nada teria que temer do progresso e seria invulnerável.

11. - A Gênese se divide em duas partes: a história da formação do mundo material e da Humanidade considerada em seu duplo princípio, corporal e espiritual. A Ciência se tem limitado à pesquisa das leis que regem a matéria. No próprio homem, ela apenas há estudado o envoltório carnal. Por esse lado, chegou a inteirar-se, com exatidão, das partes principais do mecanismo do Universo e do organismo humano. **Assim, sobre esse ponto capital, pode completar a Gênese de Moisés e retificar-lhe as partes defeituosas.**

Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, se prende a uma ordem especial de ideias, que não são do domínio da Ciência propriamente dita e das quais, por este motivo, não tem ela feito objeto de suas investigações. A Filosofia, a cujas atribuições pertence, de modo mais particular, esse gênero de estudos, apenas há formulado, sobre o ponto em questão, sistemas contraditórios, que vão desde a mais pura espiritualidade, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases, afora as ideias pessoais de seus autores. Tem, pois, deixado sem decisão o assunto, por falta de verificação suficiente. (KARDEC, 1995, p. 89-90, grifo nosso)

Por fim, o CACP cita uma pequena frase de Kardec ao entabular a correção da Gênese Mosaica, caso necessário, ao convergir com a Ciência, pois o objetivo das Escrituras é mais voltada para questões filosóficas, voltadas para a questão espiritual, calando-se, assim a ciência neste aspecto. Este é o objetivo de Kardec no capítulo V da obra *A Gênese*. A partir desta análise, vamos à obra *Cristianismo e Espiritismo* de Léon Denis que nos traz um entendimento quanto a revelação das Escrituras. Vejamos:

N. 1 - Sobre a autoridade da Bíblia e as origens do Antigo Testamento

Para a maior parte das igrejas cristãs a Bíblia é a suprema autoridade, sendo os sessenta e seis livros que compõem o Antigo e o Novo Testamento a expressão da "palavra de Deus".

Nós, filhos curiosos do século XX, perguntamos: porque precisamente sessenta e seis livros? Porque nem mais, nem menos?

Os livros do Antigo Testamento foram escolhidos, entre muitos outros, por desconhecidos rabinos judeus. O valor desses livros é, de resto, muito desigual. O segundo livro dos Macabeus, por exemplo, é muitíssimo superior ao de Ester, o livro da sabedoria excede em valor o Eclesiastes.

O mesmo aconteceu com o Novo Testamento, composto de conformidade com uma norma que os cristãos do primeiro século não conheciam. O Apocalipse foi escrito no ano 68 depois de Jesus-Cristo. O quarto Evangelho só apareceu em fins do século 1 - alguns dizem no ano 140; - um e outro trazem o nome de S. Joao; mas esses dois livros são animados de um espírito bem diferente. O primeiro é obra de um cristão judeu; o outro é escrito por um cristão da escola filosófica de Alexandria, que não só havia rompido com a dogmática judaica, mas se propunha mesmo combatê-la.

Compreende-se facilmente que os reformadores protestantes, baseando-se no princípio de que a Bíblia constitui a "palavra de Deus" tenham tropeçado em insuperáveis dificuldades. Foram eles sobretudo que emprestaram a Bíblia essa autoridade absoluta que tantos abusos devia ocasionar: é necessário, porém, não os julgar unicamente conforme os resultados da teologia que instituíram. As necessidades do tempo os coagiram a opor a autoridade da Igreja Romana, ao

abuso das indulgências, ao culto dos santos, as obras mortas de uma religião em que as frívolas práticas haviam substituído a fé vivificadora, a soberania de Deus e a autoridade da sua palavra, expressa na Bíblia.

Não obstante a disparidade dos elementos que compõem essa obra, não se lhe poderia contestar a alta importância e a inspiração por vezes elevada. Um rápido exame nos provaria, todavia, que ela não pode ter a origem que lhe é atribuída.

Gênesis. - Se lermos com atenção os primeiros capítulos do Gênesis verificaremos que encerram duas narrativas distintas da Criação. Os capítulos I e II, vv. 1 a 3, contém uma primeira exposição, mas, no capítulo 11,4, começa uma outra narração; essas duas narrativas nos revelam o pensamento de dois autores diferentes. Um, falando de Deus, o chama Eloim, isto é, "os deuses". Na opinião de certos comentaristas, esse termo designaria as forças, os seres divinos, os Espíritos colaboradores do único. Esse parecer é confirmado por muitas passagens do sagrado livro.

"Eis aí está feito Adão como um de nós", lê-se por exemplo, no Gênesis⁽¹³¹⁾. "Eu sou o Jahveh de vossos deuses", diz o Levítico⁽¹³²⁾. No livro de Daniel, falando desse profeta, a mulher de Baltazar afirma que ele possui o espírito dos deuses santos⁽¹³³⁾. Com o plural Eloim, exprimindo a coletividade, o verbo deve ser empregado no singular: os deuses "criou", ao passo que, falando essas forças de si mesmo, o verbo está no plural: "Disse Eloim: Façamos o homem a nossa imagem".

O outro autor do Gênesis emprega o termo Jeová - Jahveh, segundo os modernos orientistas - nome particular do Deus de Israel. Essa diferença é constante e se encontra em toda a obra, a tal ponto que os exegetas chegaram a distinguir esses dois autores, designando-os pelos nomes de autor Eloísta e autor Jeovista.

Cada um deles tem suas opiniões particulares. O primeiro, por exemplo, se esforçou por dar uma sanção divina a instituição do sábado, alegando que Deus havia, ao sétimo dia, repousado. O segundo explica o problema do sofrimento humano. Provém, diz ele, do pecado, e o pecado decorre da queda de Adão. Terrível encadeamento de consequências dogmáticas, que devia pesar aflitivamente sobre o pensamento humano e lhe deter o surto. Renan proclama esse autor o maior dos filósofos. Aí está uma apreciação bem singular. Não se pode, inquestionavelmente, negar que as suas opiniões tivessem inspirado São Paulo, Santo Agostinho, Lutero, Calvino, Pascal; mas em que terríveis dédalos não as emaranharam a razão humana!

No capítulo IV do Gênesis uma estranha contradição se patenteia. Depois de haver morto Abel, Caim se retira para um país distante, no qual encontra homens, casa-se e funda uma cidade. Coisa é essa que gravemente afeta a narrativa da Criação e a teoria da unidade de origem das raças humanas. Deuteronômio. - Tomemos agora em consideração este quinto livro do Antigo Testamento. Diz o cap. I, v. 1, que é ele obra de Moisés. Nisso há um primeiro exemplo dessas piedosas fraudes que consistiam em publicar um escrito sob o nome de um autor respeitável para lhe dar maior autoridade. Somos informados da origem desse livro pela narrativa dos Reis, II, XXII, vv. 8 e 10. Foi achado no templo, sob o reinado de Josias, um dos últimos reis de Judá, cinco séculos depois de Moisés, numa época em que o astro da dinastia de Judá já se inclinava para o ocaso. O verdadeiro autor o tinha evidentemente colocado no templo, a fim de que fosse descoberto e apresentado ao rei, piedoso homem, que tomou o livro a sério acreditou que provinha de Moisés e empregou toda a sua autoridade no sentido de aplicar as reformas nele reclamadas. Os judeus achavam-se então engolfados na idolatria; os preceitos do Decálogo de tal modo estavam esquecidos que o autor do Deuteronômio, um reformador bem intencionado, tendo-se proposto recordá-los, provocou um verdadeiro temor nos espíritos e conseguiu fazer aceitar o seu livro como uma nova revelação.

Observemos, a esse respeito, no Deuteronômio, cap. XXVI II, que as sedutoras promessas e as aterradoras ameaças com que se esforça o autor pelo restabelecimento do culto a Jeová se referem exclusivamente a vida terrestre, parecendo não possuir noção alguma da imortalidade.

A mesma coisa se dá com o Pentateuco, conjunto de obras atribuídas a Moisés. Em lugar algum o grande legislador judeu, ou os que falam em seu nome, faz menção da alma como entidade sobrevivente ao corpo. Na sua opinião, a vida do homem, criatura efêmera, se desdobra no acanhado círculo da Terra, sem perspectiva aberta para o céu, sem esperança e sem futuro.

Na maior parte, os outros livros do Antigo Testamento não falam do futuro do homem senão com a mesma dúvida, com o mesmo sentimento de desesperadora tristeza.

Diz Salomão (Eccles., 111, vv. 17 e seguintes):

"Quem sabe se o espírito do homem sobe as alturas? Meditando sobre a condição dos homens, tenho visto que é ela a mesma que a dos animais. Seu fim é o mesmo; o homem perece como o animal; o que resta de um não é mais do que o que resta do outro; tudo é vaidade" (134).

É então isso a "palavra de Deus"? Pode admitir-se que ele tenha deixado ao seu povo predileto ignorar os destinos da alma e a vida futura, quando esse princípio essencial de toda doutrina espiritualista era, havia muito tempo, familiar na Índia, no Egito, na Grécia, na Gália?

A Bíblia estabelece como princípio o mais absoluto monoteísmo. Nela não se trata da Trindade. Jahveh reina sozinho no céu, zeloso e solitário. Mas Jahveh primitivamente não é mais que um deus nacional, oposto as divindades cultuadas pelos outros povos. Só mais tarde os hebreus se elevam a concepção desse Poder único, supremo, que rege o Universo. Os anjos não se mostram senão de longe em longe, como mensageiros do Eterno. Não há lugar algum para as almas dos homens nos céus tristes e vazios. No ponto de vista moral, Deus é apresentado na Bíblia sob aspectos múltiplos e contraditórios. Dizem-no o melhor dos pais e fazem-no desapiedado para com os filhos culpados. Atribuem-lhe a onipotência, a infinita bondade, a soberana justiça, e rebaixam-no até ao nível das paixões humanas, mostrando-o terrível, parcial e implacável. Fazem-no criador de tudo o que existe, dão-lhe a presciência, e, depois, apresentam-no como arrependido da sua obra:

Gênesis, cap. VI, vv. 6 e 7: "Ele se arrependeu de ter feito o homem na terra e teve por isso um grande desgosto em seu coração."

E diz o Eterno: "Eu exterminarei da face da terra os seres que criei, desde os homens até os animais, até tudo o que se roja pelo chão, e até os pássaros dos céus, porque me arrependo de os haver criado."

Só Noé e sua família encontraram graça diante do Eterno. Em que se tornam, depois dessa narrativa, a previdência e o poder divino?

Assinalemos entretanto: a noção da Divindade se vai depurando a medida que evolve o povo. Os profetas, indivíduos inspirados, reprovam, em nome do Senhor, os sacrifícios cruentos, primeiras homenagens dos hebreus a Jahveh; condenam o jejum e os sinais exteriores de humilhação, nos quais o pensamento não tem a menor intervenção.

"Quando me ofereceis os holocaustos de vossas rezes pingues, não me dais prazer algum", exclama o Eterno pela boca de Amos. "O que exijo é que a retidão seja como uma água que transborda, e a justiça como uma torrente impetuosa"⁽¹³⁵⁾.

"Não jejuais como convém - escreve Isaías, - Curvar a cabeça como um junco e fazer cama de saco e de cinza, chamaras tu a isso o jejum agradável ao Senhor? Mas o jejum que me agrada é antes este: Rompe as ligaduras da maldade; desata os laços da servidão, deixa ir livres os oprimidos; reparte o teu pão com o que tem fome e introduze em tua casa os infelizes e os peregrinos; dá de vestir aos nus e não desprezes os teus semelhantes, e então romperá como a aurora tua luz, a justiça irá diante de tua face e a glória do Eterno te acompanhará"⁽¹³⁷⁾.

"O que o Senhor requer de ti - diz Miqueias - é que pratiques a justiça, que ames a misericórdia e que andes humildemente com o teu Deus"⁽¹³⁷⁾.

Em sua obra intitulada Em torno de um livrinho, respondendo às críticas suscitadas pelo seu trabalho sobre O Evangelho e a Igreja, externa o abade Loisy a opinião de que, em seu conjunto, não tem os livros do Antigo Testamento outro objetivo além da instrução religiosa e edificação moral do povo. "Nele se

desconhece a exatidão bibliográfica - acrescenta; - a preocupação do fato material e da história objetiva brilha pela ausência."

É também essa a minha opinião. **Daí segue que não poderia a Bíblia ser considerada "a palavra de Deus" nem uma revelação sobrenatural. O que se deve nela ver é uma compilação de narrativas históricas ou legendárias, de ensinamentos sublimes, de par com pormenores às vezes triviais.**

Parece, em certos casos, se inspirarem os autores do Pentateuco em revelações mais antigas, como o faz notar Swedenborg, com provas em apoio. Os iniciados encaram o Antigo Testamento como puramente simbólico e nele pensam descobrir todas as verdades por meio da Cabala. Somos também de opinião que o pode revestir a forma de um símbolo. Do mesmo modo que aí vemos a preparação do povo hebreu para o advento do Cristianismo, sob a direção de Moisés e dos profetas, aos quais se mostra ele as vezes tão rebelde, pode igualmente esse livro representar-nos a marcha ascensional do espírito humano para a perfeição, a que o conduzem os Espíritos superiores de um e do outro mundo.

O Antigo Testamento parece destinado a servir de laço entre a raça semítica e a ariana. Jesus, com efeito, não parece mais ariano que judeu? Sua infinita mansidão, a serena claridade de seu pensamento não estão em oposição com os rígidos, com os sombrios aspectos do Judaísmo?

Essa obra não remonta a tão antiga data como se tem de bom grado feito crer. Foi em todo caso retocada mais ou menos tempo depois da volta da Babilônia, porque nela a espaços se encontram alusões ao cativeiro dos judeus nesse país⁽¹³⁸⁾. É bem a obra dos homens, o testemunho da sua fé, das suas aspirações, do seu saber, e também dos seus erros e superstições. Os profetas nela consignaram a palavra vibrante que lhes era inspirada; videntes, descreveram as imagens das realidades invisíveis que lhes apareciam; escritores, delinearam as cenas da vida social e os costumes da época. Foi com o intuito de dar a esses ensinamentos tão diversos maior peso e autoridade, que foram eles apresentados como emanados da soberana potência que rege os mundos.

131 - Cap. III, 22.

132 - XIX, 3.

133 - "Daniel", V, 11.

134 - tudo e nada "diz o texto hebraico".

135 - "Amos", V, 22, 24.

136 - "Isaias", LVIII, 4-8.

137 - "Miqueias", VI, 8.

138 - Cerca do ano 700 antes da nossa era.

(DENIS, 1987, p. 308-316, grifo nosso)

Como podemos observar, tanto a citação de Kardec, quando a de Léon Denis intencionalmente mutiladas pelo CACP para dar a impressão de que o Espiritismo reprovava as Escrituras. Contudo, ao examinarmos tais trechos, constatamos que o longo discurso de Kardec traça um paralelo entre a religião e a ciência, unindo-os, sem que haja verdades que divirjam, pois não poderiam haver, já que uma deveria estar equivocada e deveria inclinar-se à outra. Já em Denis, há uma constatação de que existem passagens das Escrituras, mais precisamente sobre o Antigo Testamento, ou comumente conhecido como o Tanah, que são impressões daqueles que escreveram, não cabendo ao Eterno em imprimir, muitas das vezes, pensamentos contrários à sua lei moral, outorgada no Sinai.

Num dado momento, o CACP tenta transmitir aos seus leitores que a Doutrina Espírita, pinça trechos das Escrituras, através da Codificação, tentando validar seus fundamentos morais e filosóficos. Tendo em vista de todo o nosso empenho no estudo constante da Codificação, percebemos que Kardec teve muito zelo neste quesito, a fim de que não fosse tachado de leviano. Ocorre que como demonstramos agora a pouco em nossos argumentos, baseados na Codificação, identificamos que o próprio CACP é

quem usou do recurso que julgou o Codificador, pegando trechos isolados das obras básicas do Espiritismo, vindo a imprimir sua opinião nas fontes fragmentadas que mencionamos. Este posicionamento nos impressiona, pois o CACP julgou Kardec de falsário, mas agiu de igual forma com a Codificação, ao pinçar trechos em detrimento da Doutrina Espírita. Uma pena recomendar aquilo que não se pratica!

Conclusão

Pelo exposto, diante das evidências da Palavra de Deus, sigamos os seus ensinamentos, pois ela, positiva e enfaticamente, condena o espiritismo e proscreeve-o em todas as suas formas, tanto antigas como modernas.

Não poderíamos concluir nosso trabalho, sem informar a verdadeira identidade dos espíritos do espiritismo.

Não resta dúvida que seres espirituais fazem suas aparições e manifestam seus poderes nas sessões espíritas. O que desejamos saber é quem são esses seres desencarnados, que vêm ao nosso mundo por convite especial ou invocação dos médiuns.

Podem os mortos comunicarem-se com os vivos?

Para responder a esta e as perguntas que se seguem, apenas as Sagradas Escrituras, a revelação máxima da vontade de Deus, esclarecem com autoridade essa questão, dando-nos a verdadeira e plena satisfação de ter encontrado a resposta.

Gostaria que você lesse no evangelho, no livro de Lucas, a parábola do rico e Lázaro, que se encontra no capítulo 16, versículos de 19 a 31. Nesta passagem vemos claramente que os mortos não podem e não têm permissão para se comunicarem com os vivos. Demos ênfase ao versículo 26: "E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quissem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá passar para cá." (LC 16:26)

Não encontramos em nenhum lugar das Escrituras um só indicio de que o homem, em seu estado atual, possa ter qualquer tipo de relação com os espíritos dos mortos. Pelo contrário, como vimos, o Senhor tem "as chaves da morte e do inferno" (Apocalipse 1:18) e somente Ele tem poder para fazer sair dali os espíritos, o que fará nas duas únicas ocasiões, ou seja, na primeira ressurreição para os santos (1 Ts 4:16) e na ressurreição do juízo para os perversos (João 5:29). Enquanto aguardamos esse evento, os espíritos dos crentes que já morreram estão com o Senhor, "ausente deste corpo e presente com o Senhor" (2 Coríntios 5:8); eles partiram para estar com Cristo (Filipenses 1:23), mas os espíritos dos perversos estão "em prisão"

(1 Pedro 3:19), motivo pelo qual não têm a liberdade de sair quando são "chamados".

Se não resta dúvida que no espiritismo entra-se em contato com poderes sobrenaturais, com espíritos e forças extra-humanas e extraterrenas, capazes de manifestações surpreendentes, e se esses espíritos, segundo os ensinamentos das Escrituras, não pertencem aos mortos, então quem são eles? Qual é a sua história? Qual a sua missão? Onde habitam? Quem são eles?

A Bíblia nos fala de seres espirituais, invisíveis aos homens, que algumas vezes se materializam e exercem poderes sobrenaturais. Tais forças espirituais compõem de duas classes: a de seres bons, chamados de anjos, a quem Deus usa para proteção e auxílio ao homem, e a de seres maus, que assim se tornaram porque voluntariamente se afastaram do plano original de Deus e tomaram parte num movimento de rebelião contra o governo de Deus.

Os anjos são seres espirituais criados por Deus, conforme está escrito: "Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele." (CL 1:16)

Mais ainda, as Escrituras afirmam que os anjos são uma ordem de seres mais elevada do que os homens:

"Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste." (SL 8:5)

Na conclusão deste tópico em que respondemos que a Codificação, pinçada ao gosto peculiar do CACP, transparece o que eles querem opinar, mas que ao citarmos as fontes sem cortes, vemos o quanto desconcertante é para o CACP divulgar que Kardec, na Codificação Espírita, teve a leviandade de citar texto fora de seu contexto, mas que ao examinarmos a Codificação, em nosso estudo constante, averiguamos que Kardec foi um tanto quando judicioso em não se utilizar deste artifício. Tendo em vista esta recomendação do CACP, sendo que o próprio CACP insinuou algo que ele mesmo não respeitou. Ou seja, pinçou trechos da Codificação a fim de denegrir o Espiritismo em comparação com as Escrituras, ao qual identificamos este artifício e desmontamos seus argumentos.

Não satisfeitos com isso, asseveram, através da parábola do rico e do Lázaro que é impossível haver comunicação entre o plano espiritual e material, mas vamos a fundo nesta parábola e examinar o que ela está transmitindo. O CACP tenta estabelecer que é impossível haver tal comunicação ao citarem o texto de Lc 16,27-31. Vejamos o texto em lide.

Lc 16,19-31: "Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e dava banquete todos os dias. E um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, que estava caído à porta do rico. Ele queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico. E ainda vinham os cachorros lambe-lhe as feridas. Aconteceu que o pobre morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. Morreu também o rico, e foi enterrado. No inferno, em meio aos tormentos, o rico levantou os olhos, e viu de longe Abraão, com Lázaro a seu lado. Então o rico gritou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque este fogo me atormenta'. Mas Abraão respondeu: 'Lembre-se, filho: você recebeu seus bens durante a vida, enquanto Lázaro recebeu males. Agora, porém, ele encontra consolo aqui, e você é atormentado. Além disso, há um grande abismo entre nós: por mais que alguém desejasse, nunca poderia passar daqui para junto de vocês, nem os daí poderiam atravessar até nós'. **O rico insistiu: 'Pai, eu te suplico, manda Lázaro à casa de meu pai, porque eu tenho cinco irmãos. Manda preveni-los, para que não acabem também eles vindo para este lugar de tormento'. Mas Abraão respondeu: 'Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem!' O rico insistiu: 'Não, pai Abraão! Se um dos mortos for até eles, eles vão se converter'. Mas Abraão**

Ihe disse: 'Se eles não escutam a Moisés e aos profetas, mesmo que um dos mortos ressuscite, eles não ficarão convencidos'". (grifo nosso).

A parte que destacamos, vem a corroborar, em conformidade com o texto as conclusões que chegamos é que, assim como Paulo Neto em seu texto "[Saul não consultou feiticeira nem bruxa coisa alguma!](#)", p. 43-44 nos esclarece: "se o rico pediu a Abraão para mandar Lázaro avisar a seus irmãos, se acreditava na comunicação com os mortos. Essa possibilidade poder-se-á ver também na resposta de Abraão, que não contestou isso, apenas disse que seria muito difícil que dessem ouvidos aos mortos, uma vez que não deram ouvidos nem aos vivos, aqueles que falavam em nome de Deus. Não podemos deixar de registrar que é exatamente isso que está ocorrendo, em nossos dias, ou seja, os mortos estão voltando para dar conselhos aos vivos e eles, ou pelo menos a maioria deles, não dão ouvidos aos que se "levantam da tumba" para ajudar os que estão na retaguarda. Devido a explicações equivocadas não podemos deixar de falar que o '*há um grande abismo entre nós*' está relacionado ao plano espiritual, onde o progresso de cada espírito os coloca em lugares diferentes, e não, como se vê às vezes, um abismo entre o plano espiritual e o físico, como sendo o motivo pelo qual os 'mortos' não podem se comunicar com os 'vivos'".

Percebemos que ao citarem a passagem de Lc 16,19-31, tenta-se passar a impressão que o abismo é entre o plano espiritual e o físico, fato este que, após um exame, vê-se não se tratar disso, mas como o Paulo Neto mesmo esclarece o abismo é existente no plano espiritual, ofertando-nos a certeza de que existem diversos degraus evolutivos espirituais e condições da vida após a vida.

Após esclarecermos esta passagem do evangelho de Lucas que é muito usada pelo CACP para negar as manifestações espíritas, até mesmo em outros de seus artigos, vemos que o Eterno tem as chaves das regiões de tormento (Ap 1,18) e também sabemos que somente através do Eterno é que se pode executar uma manifestação de bons espíritos, ou não, mas não somente para ressurreição espiritual plena, sem mais a necessidade da reencarnação para aperfeiçoamento (1 Ts 4,16), ou até mesmo para o retorno de espíritos renitentes no erro, a fim de se corrigirem (Jo 5,29). Enquanto o CACP aguarda o evento que ele mesmo constrói dentro das passagens que eles pinçam, muitos creem ser desta forma, mas ignoram que o espírito de Samuel se manifestou a Saul através da necromante (1 Sm 28), Moisés e Elias apareceram a Jesus, na presença de Tiago, Pedro e João (Mt 17,3). Novamente identificamos mais uma inverdade propalada pelo CACP.

Percebemos que ausentes deste corpo que é o templo de ensinamento para o espírito imortal, é que alcançaremos a estatura de Cristo através das sucessivas vidas que nos levarão a perfeição almejada, onde ausente deste corpo e presente com o Senhor, seremos merecedores de uma vida espiritual plena (2 Co 5,8); Partiremos para estar com Cristo (Fp 1,23). Contudo, para o CACP, os espíritos de pessoas ainda imperfeitas que somos estão em prisão ao processo reencarnatório, mas esta prisão é a vida material que nos permitirá o arrependimento, o resgate e a prova de amor pelo Mestre e seu reino, pois até mesmo os rebeldes serão levados, cativos do seu cativo pelo Mestre Jesus, como após a sua ressurreição (1 Pe 3,19), motivo pelo qual para o CACP, este não têm a liberdade de sair quando são chamados, mas Jesus assevera que nenhuma ovelha se perderá (Lc 15,4).

Após nossos esclarecimentos, julga o CACP que somente a sua igreja tem as manifestações de anjos, cabendo ao Espiritismo somente a manifestação de espíritos enganadores. Ocorre que começam a discursar sobre o tema, mas aos examinarmos (CI 1,16) e em seu contexto, tudo é criado pelo Eterno e o caminho que trilhamos é de nossa responsabilidade, assim como bons e maus dividem o mesmo firmamento, todos somos responsáveis por aquilo que plantamos. Já o salmista (SI 8,5) enfatiza que os anjos, sendo espíritos já purificados, são superiores aos homens, postulado pelo Consolador Prometido, que complementa o que Jesus não pôde nos dizer a quase dois mil anos atrás, nada mais são do que espíritos que chegaram ao objetivo da evolução moral e intelectual, através das vidas sucessivas. Passemos, porquanto, ao item seguinte, em que iremos destrinchar os anjos e demônios, não na visão do CACP, mas na judaica, que julgamos a mais próxima dos originais.

Qual a sua missão?

Sabemos existir duas categoria de anjos: os bons e aqueles que se tornaram maus.

Os bons tem como missão sempre beneficiar o homem. São chamados na Bíblia "espíritos ministradores" ou mensageiros." Deus os envia para socorrer a humanidade em diferentes circunstâncias da vida.

Anjos tem agido de modo maravilhoso em diferentes ocasiões, algumas vezes assumindo a forma humana, a fim de proteger a crianças e adultos. As Escrituras contem muitas histórias de tais ocasiões.

É bastante conhecida esta passagem que afirma esta realidade: "O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra." (SL 34:7)

Falando dos "pequeninos" Jesus nos diz sobre os anjos de guarda destes: "Vede, não desprezeis algum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre vêem a face de meu Pai que está nos céus." (MT 18:10)

Também é bastante conhecido o relato do acontecido com Daniel: "O meu Deus enviou o seu anjo, e fechou a boca dos leões, para que não me fizessem dano." (DN 6:22)

Então, se os espíritos não são os mortos que voltam, podem ser os anjos bons? A resposta é definitivamente Não, pela simples razão de que os espíritos que aparecem nas sessões são impostores. Afirmam ser os espíritos de seres humanos mortos, e em dizendo isto proferem uma falsidade. Consequentemente, não podem ser anjos de Deus. Os anjos, como Deus, não mentem. O próprio espiritismo admite que alguns dos espíritos são mentirosos. Allan Kardec assevera que "os espíritos enganadores não tem escrúpulos em se abrigarem sob nomes que tomam emprestado, para fazerem aceitar suas utopias". (O Evangelho Segundo o Espiritismo, IDE, Introdução II, p. 12) Mais adiante ele nos diz: "O espiritismo vem revelar uma outra categoria bem mais perigosa de falsos Cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: a dos espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudo-sábios que da Terra, passaram para a erradicidade, e se adornam com nomes veneráveis para procurar, graças à máscara com a qual se

cobrem, recomendar idéias, freqüentemente, as mais bizarras e as mais absurdas." (Idem, cáp. XXI, pág. 261).

Segundo as Escrituras, não somente alguns dos espíritos são mentirosos, como afirma Kardec, mas todos o são, porque mantém a falsidade e procuram passar por quem não são.

A única coisa que nos resta é identificar tais espíritos com as potências do mal, as quais Paulo chama "hostes espirituais da maldade". Mas de onde vêm? Quem as criou? Pode um Deus perfeito e perfeitamente bom criar seres vis e enganadores?

Neste ponto de sua argumentação, o CACP separa para a sua crença a manifestação dos anjos, reservada à sua igreja somente e lança anátema ao Espiritismo, asseverando que todos os espíritos que se manifestam são enganadores. Embora citam uma fonte de Kardec, passa-se aos seus leitores a impressão de que Kardec nos orienta que os espíritos que se manifestam nas seções mediúnicas são falsos? Mais uma vez o CACP pecou em seu juízo, ao citar uma parte tão fragmentada da Codificação Espírita e afirmar tamanho absurdo. Contudo, como somos leitores atentos, iremos ver a citação na íntegra, sem cortes. Antes, porém, se esqueceu o CACP da própria determinação bíblica quanto a manifestação espiritual, sendo que eles mesmos devem aplicar sob suas reuniões. Vejamos:

I Jo 4,1: Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.

Partindo desta recomendação que o próprio CACP não orientou aos seus leitores, o que nos leva a impressão de que quem está sendo enganado não é o Espiritismo, pois Kardec assim nos recomenda.

[...] Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e sofômanos, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas idéias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das idéias e preconceitos terrenos; mas, também é sabido que os **Espíritos enganadores não escrupulizam em tomar nomes que lhes não pertencem, para impingirem suas utopias**. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que imprudente fora aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas. [...] (KARDEC, 1996, p.30, grifo nosso)

Não creiais em todos os Espíritos

6. Meus bem-amados, não creiais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. (S. JOÃO, Epístola 1ª, cap. IV, v. 1.)

7. Os fenômenos espíritos, longe de abonarem os falsos Cristos e os falsos profetas, como a algumas pessoas apraz dizer, golpe mortal desferem neles. Não peçais ao Espiritismo prodígios, nem milagres, porquanto ele formalmente declara que os não opera. Do mesmo modo que a Física, a Química, a

Astronomia, a Geologia revelaram as leis do inundo material, ele revela outras leis desconhecidas, as que regem as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, leis que, tanto quanto aquelas outras da Ciência, são leis da Natureza. Facultando a explicação de certa ordem de fenômenos incompreendidos até o presente, ele destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso. Quem, portanto, se sentisse tentado a lhe explorar em proveito próprio os fenômenos, fazendo-se passar por messias de Deus, não conseguiria abusar por muito tempo da credulidade alheia e seria logo desmascarado. Aliás, como já se tem dito, tais fenômenos, por si sós, nada provam: a missão se prova por efeitos morais, o que não é dado a qualquer um produzir. Esse um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; pesquisando a causa de certos fenômenos, de sobre muitos mistérios levanta ela o véu. Só os que preferem a obscuridade à luz, têm interesse em combatê-la; mas, a verdade é como o Sol: dissipa os mais densos nevoeiros. **O Espiritismo revela outra categoria bem mais perigosa de falsos Cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudo-sábios, que passaram da Terra para a erraticidade e tomam nomes venerados para, sob a máscara de que se cobrem, facilitarem a aceitação das mais singulares e absurdas idéias.** Antes que se conhecessem as relações mediúnicas, eles atuavam de maneira menos ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, audiente ou falante. É considerável o número dos que, em diversas épocas, mas, sobretudo, nestes últimos tempos, se têm apresentado como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, como Maria, sua mãe, e até como Deus. S. João adverte contra eles os homens, dizendo: "Meus bem-amados, não acrediteis em todo Espírito; mas, experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo." O Espiritismo nos faculta os meios de experimentá-los, apontando os caracteres pelos quais se reconhecem os bons Espíritos, caracteres *sempre morais, nunca materiais* (1).

É a maneira de se distinguirem dos maus os bons Espíritos que, principalmente, podem aplicar-se estas palavras de Jesus: "Pelo fruto é que se reconhece a qualidade da árvore; uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não os pode produzir bons." Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como uma árvore pela qualidade dos seus frutos. (KARDEC, 1996, p.320-321, grifo nosso)

Logo, se Kardec nos revela uma outra categoria, é pelo fato de existirem outras ainda que o CACP de forma bem habilidosa não comentou. Antes, porém, tencionou uma ideia aos seus leitores que todos os espíritos que se manifestam em seus templos e reuniões, são anjos enviados por Deus. Kardec, por outro lado destrincha todas as ordens de espíritos e nos alerta para não sermos enganados pelos levianos. O que o CACP omitiu no espiritismo, recomendamos aos leitores do CACP seguir a determinação bíblica (1 Jo 4,1) que nem mesmo o CACP sugeriu aos seus leitores. Portanto, focamos com a recomendação das Escrituras, de Kardec e não com a do CACP, pois é pelo fruto que se conhece a árvore. Que seus leitores examinem com cuidado e zelo o que o CACP propôs. Passemos, porquanto, a origem do mal, segundo a ótica do CACP. Vejamos:

Qual é a sua história? (A origem do mal)

Segundo o espiritismo, "O mal, sendo o resultado das imperfeições do homem, e o homem, sendo criado por Deus, Deus, dir-se-á, se não criou o mal, pelo menos a causa do mal; se houvesse feito o homem perfeito, o mal não existiria". (Allan Kardec, A Gênese, cap. III, item 9). Em outras palavras, diz o espiritismo que Deus, que Deus, "se não criou o mal, pelo menos (criou) a causa do mal". No parágrafo seguinte desta citação encontramos: "Se o homem tivesse sido criado perfeito, seria levado fatalmente, ao bem". Se Deus tivesse criado o

homem perfeito, conseqüentemente, ele seria igual a Deus, seriam Deuses em potencial e não homens.

Diz-nos o relato bíblico que o homem foi criado "à sua imagem, conforme a sua semelhança" (Ver Gn 1:26 e 27). Deu também ao homem livre arbítrio. ou seja, a capacidade de resolução que depende só da vontade. Colocou a teste sua obediência quando disse: " De toda a árvore do jardim comerás livremente,"

"Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás." (GN 2:16 e 17). Bem sabemos o final desta história. O homem desobedeceu a Deus e começou toda a sua desgraça. (Ver Gn 3)

Esta foi a história do pecado, a origem do pecado entre os homens. E a origem do mal? Onde teve seu princípio? Foi com a queda do homem? Certamente que não. Sua origem se deu muito antes da criação do homem.

Deus jamais criou um diabo ou demônios. Mas criou seres perfeitos e bons, com pode de livre escolha:

"Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogeadas andavas." (EZ 28:14)

"Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti." (EZ 28:15)

"Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompiste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti." (EZ 28:17)

Deus criou um ser de exaltada beleza, de absoluta perfeição, de maravilhoso poder. Mas a inveja, o orgulho e a ambição egoística corromperam a sua santidade.

No Antigo Testamento, encontra-se registrada a triste história daquele que uma vez fora o ser mais exaltado do universo:

"Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações!"

"E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte."

"Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo." (IS 14:12 a 14)

A soberba e a ambição o corromperam. Quis ser semelhante a Deus. Ao iniciar a rebelião contra Deus, foi aviltado e expulso de sua magnífica morada, arrastando, em sua queda, importante contingente da hoste celestial que conseguira enganar.

O capítulo 12 de Apocalipse menciona uma grande batalha no Céu. Aí João, o revelador, fala da visão que Deus lhe deu:

"E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos;"

"Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus."

"E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele." (AP 12:7 a 9)

Na sua queda, o diabo, satanás, a antiga serpente, aquele que fora Lúcifer (filho da alva), arrastou a terça parte dos anjos com ele:

"E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho." (AP 12:4) São eles que estão por trás do espiritismo, o diabo e seus anjos caídos!

Neste ponto de sua argumentação o CACP tenta traçar a origem do mal, sendo ela exposta na queda de Adão (Gn 3), já que o Eterno criou o homem a sua imagem e conforme sua semelhança (Gn 1,26-27). Com isso, ao comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2,16-17), Adão pecou e levou à toda a humanidade o seu erro. Este raciocínio do CACP vem logo após a citação da obra *A Gênese*, porém muito fragmentada, ao qual daremos aos leitores o seu conteúdo completo e após ele, nossos comentários.

Origem do bem e do mal

1. - Sendo Deus o princípio de todas as coisas e sendo toda sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo o que dele procede há de participar dos seus atributos, porquanto o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir que seja ininteligente, mau e injusto. O mal que observamos não pode ter nele a sua origem.

2. - Se o mal estivesse nas atribuições de um ser especial, quer se lhe chame Arimane, quer Satanás, ou ele seria igual a Deus, e, por conseguinte, tão poderoso quanto este, e de toda a eternidade como ele, ou lhe seria inferior.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais, incessantemente em luta, procurando cada uma desfazer o que fizesse a outra, contrariando-se mutuamente, hipótese esta inconciliável com a unidade de vistas que se revela na estrutura do Universo.

No segundo caso, sendo inferior a Deus, aquele ser lhe estaria subordinado. Não podendo existir de toda a eternidade como Deus, sem ser igual a este, teria tido um começo. Se fora criado, só o poderia ter sido por Deus, que, então, houvera criado o Espírito do mal, o que implicaria negação da bondade infinita. (Veja-se: **O Céu e o Inferno**, cap. X: «Os demônios».)

3. - Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de toda espécie, físicos ou morais, que afligem a Humanidade, formam duas categorias que importa distinguir: a dos males que o homem pode evitar e a dos que lhe independem da vontade. Entre os primeiros, cumpre se incluíam os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são restritas, não pode penetrar, nem abarcar o conjunto dos desígnios do Criador; aprecia as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses factícios e convencionais que criou para si mesmo e que não se compreendem na ordem da Natureza. Por isso é que, muitas vezes, se lhe afigura mau e injusto aquilo que consideraria justo e admirável, se lhe conhecesse a causa, o objetivo, o resultado definitivo. Pesquisando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, verificará que tudo traz o sinete da sabedoria infinita e se dobrará a essa sabedoria, mesmo com relação ao que lhe não seja compreensível.

4. - O homem recebeu em partilha uma inteligência com cujo auxílio lhe é possível conjurar, ou, pelo menos, atenuar os efeitos de todos os flagelos naturais. Quanto mais saber ele adquire e mais se adianta em civilização, tanto menos desastrosos se tornam os flagelos. Com uma organização sábia e providente, chegará mesmo a lhes neutralizar as consequências, quando não possam ser inteiramente evitados. Assim, com referência, até, aos flagelos que têm certa utilidade para a ordem geral da Natureza e para o futuro, mas que, no presente, causam danos, facultou Deus ao homem os meios de lhes paralisar os efeitos.

Assim é que ele saneia as regiões insalubres, imuniza contra os miasmas pestíferos, fertiliza terras áridas e se industria em preservá-las das inundações; constrói habitações mais salubres, mais sólidas para resistirem aos ventos tão necessários à purificação da atmosfera e se coloca ao abrigo das intempéries. É assim, finalmente, que, pouco a pouco, a necessidade lhe fez criar as ciências, por meio das quais melhora as condições de habitabilidade do globo e aumenta o seu próprio bem-estar.

5. - Tendo o homem que progredir, os males a que se acha exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, incitando-o a procurar os meios de evitá-los. Se ele nada houvesse de temer, nenhuma necessidade o induziria a procurar o melhor; o espírito se lhe entorpeceria na inatividade; nada inventaria, nem descobriria. A dor é o agulhão que o impede para a frente, na senda do progresso.

6. - Porém, os males mais numerosos são os que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, da sua cupidez, de seus excessos em tudo. Aí a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, da maior parte, afinal, das enfermidades.

Deus promulgou leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem. Em si mesmo encontra o homem tudo o que lhe é necessário para cumpri-las. A consciência lhe traça a rota, a lei divina lhe está gravada no coração e, ao demais, Deus lha lembra constantemente por intermédio de seus messias e profetas, de todos os Espíritos encarnados que trazem a missão de o esclarecer, moralizar e melhorar e, nestes últimos tempos, pela multidão dos Espíritos desencarnados que se manifestam em toda parte. Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não há duvidar de que se pouparia aos mais agudos males e viveria ditoso na Terra. Se assim procede, é por virtude do seu livre-arbítrio: sofre então as consequências do seu proceder. **(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, nos 4, 5, 6 e seguintes.)**

7. - Entretanto, Deus, toda bondade, Pôs o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia o remédio. Um momento chega em que o excesso do mal moral se torna intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida. Instruído pela experiência, ele se sente compelido a procurar no bem o remédio, sempre por efeito do seu livre-arbítrio. Quando toma melhor caminho, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro. A necessidade, pois, o constringe a melhorar-se moralmente, para ser mais feliz, do mesmo modo que o constringeu a melhorar as condições materiais da sua existência (nº 5).

8. - Pode dizer-se que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. Assim como o frio não é um fluido especial, também o mal não é atributo distinto; um é o negativo do outro. Onde não existe o bem, forçosamente existe o mal. Não praticar o mal, já é um princípio do bem. Deus somente quer o bem; só do homem procede o mal. Se na criação houvesse um ser preposto ao mal, ninguém o poderia evitar; mas, tendo o homem a causa do mal em SI MESMO, tendo simultaneamente o livre-arbítrio e por guia as leis divinas, evitá-lo-á sempre que o queira.

Tomemos para termo de comparação um fato vulgar. Sabe um proprietário que nos confins de suas terras há um lugar perigoso, onde poderia perecer ou ferir-se quem por lá se aventurasse. Que faz, a fim de prevenir os acidentes? Manda colocar perto um aviso, tornando defeso ao transeunte ir mais longe, por motivo do perigo. Aí está a lei, que é sábia e providente. Se, apesar de tudo, um

imprudente desatende o aviso, vai além do ponto onde este se encontra e sai-se mal, de quem se pode ele queixar, senão de si próprio?

Outro tanto se dá com o mal: evitá-lo-ia o homem, se cumprisse as leis divinas. Por exemplo: Deus pôs limite à satisfação das necessidades: desse limite à saciedade adverte o homem; se este o ultrapassa, fá-lo voluntariamente. As doenças, as enfermidades, a morte, que daí podem resultar, provêm da sua imprevidência, não de Deus.

9. - **Decorrendo, o mal, das imperfeições do homem e tendo sido este criado por Deus, dir-se-á, Deus não deixa de ter criado, se não o mal, pelo menos, a causa do mal; se houvesse criado perfeito o homem, o mal não existiria.**

Se fora criado perfeito, o homem fatalmente penderia para o bem. Ora, em virtude do seu livre-arbítrio, ele não pende fatalmente nem para o bem, nem para o mal. Quis Deus que ele ficasse sujeito à lei do progresso e que o progresso resulte do seu trabalho, a fim de que lhe pertença o fruto deste, da mesma maneira que lhe cabe a responsabilidade do mal que por sua vontade pratique. A questão, pois, consiste em saber-se qual é, no homem, a origem da sua propensão para o mal.⁽¹⁾

10. - Estudando-se todas as paixões e, mesmo, todos os vícios, vê-se que as raízes de umas e outros se acham no instinto de conservação, instinto que se encontra em toda a pujança nos animais e nos seres primitivos mais próximos da animalidade, nos quais ele exclusivamente domina, sem o contrapeso do senso moral, por não ter ainda o ser nascido para a vida intelectual. O instinto se enfraquece, à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria.

O Espírito tem por destino a vida espiritual, porém, nas primeiras fases da sua existência corpórea, somente a exigências materiais lhe cumpre satisfazer e, para tal, o exercício das paixões constitui uma necessidade para o efeito da conservação da espécie e dos indivíduos, materialmente falando. Mas, uma vez saído desse período, outras necessidades se lhe apresentam, a princípio semimorais e semimateriais, depois exclusivamente morais. É então que o Espírito exerce domínio sobre a matéria, sacude-lhe o jugo, avança pela senda providencial que se lhe acha traçada e se aproxima do seu destino final. Se, ao contrário, ele se deixa dominar pela matéria, atrasa-se e se identifica com o bruto. Nessa situação, o que era outrora um bem, porque era uma necessidade da sua natureza, transforma-se num mal, não só porque já não constitui uma necessidade, como porque se torna prejudicial à espiritualização do ser. Muita coisa, que é qualidade na criança, torna-se defeito no adulto. O mal é, pois, relativo e a responsabilidade é proporcionada ao grau de adiantamento.

Todas as paixões têm, portanto, uma utilidade providencial, visto que, a não ser assim, Deus teria feito coisas inúteis e, até, nocivas. No abuso é que reside o mal e o homem abusa em virtude do seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, livremente escolhe entre o bem e o mal.

(1) O erro está em pretender-se que a alma haja saído perfeita das mãos do Criador, quando este, ao contrário, quis que a perfeição resulte da depuração gradual do Espírito e seja obra sua. Houve Deus por bem que a alma, dotada de livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal e chegasse a suas finalidades últimas de forma militante e resistindo ao mal. Se houvesse criado a alma tão perfeita quanto ele e, ao sair-lhe ela das mãos, a houvesse associado à sua beatitude eterna, Deus tê-la-ia feito, não à sua imagem, mas semelhante a si próprio. (Bonnamy, **A Razão do Espiritismo**, cap. VI.) (KARDEC, 1995, p. 69-74, grifo nosso)

No decorrer de nossas respostas ao CACP, nos impressiona certos posicionamentos do CACP ante a Codificação Espírita, como desprovidos de um bom senso sem precedentes. Vejamos, ao citarem o trecho que destacamos logo acima, o CACP não o refuta, antes dá a causa do mal que sucede a humanidade ao pecado de Adão e a suposta queda de satanás, expresso em Ez 28. Em nosso artigo "[Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?](#)", damos uma explanação mais

detalhada sobre a origem deste ser, que pressupõe o CACP que é a origem do mal. Contudo, examinaremos a passagem em questão ao qual citamos a obra “*Analisando as Traduções Bíblicas*” do professor Severino Celestino.

Satanás

Satanás é uma figura muito controvertida na Bíblia. A palavra ‘Satã’ significa acusador. Aparece, pela primeira vez no livro de Jó, sendo como um promotor celestial. A sua intimidade com Deus e o direito de entrar no “**Céu**”, de ir e vir livremente e dialogar com Ele, torna-o uma figura de muito destaque. Veja o livro de Jó 1:6 “**Um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, veio também Satanás entre eles**”.

O livro de Jó foi escrito depois do Exílio Babilônico. Sabemos que o povo judeu, tendo retornado a Israel com a permissão de Ciro, rei persa, no ano de 538 a.C., assimilou muitos costumes dos persas. Isso ocorreu devido à simpatia e apoio que receberam do rei, que inclusive permitiu a construção do Segundo Templo judaico e ainda devolveu muitos de seus tesouros, que haviam sido roubados. A religião dos persas, o Zoroastrismo, influenciou sobremaneira o judaísmo.

No Zoroastrismo, existe o Deus supremo “**Ahura-Mazda**” que sofre a oposição de uma outra força poderosa, conhecida como “**Angra Mainyu, ou Ahriman**”, “**o espírito mau**”. Desde o começo da existência, esses dois espíritos antagônicos têm-se combatido mutuamente. O Zoroastrismo foi uma das mais antigas religiões a ensinar o triunfo final do bem sobre o mal. No fim, haverá punição para os maus, e recompensa para os bons.

E foi do Zoroastrismo que os judeus aprenderam a crença em um “**Ahriman**”, um diabo pessoal, que, em hebraico, eles chamaram de “**Satanás**”. Por isso, o seu aparecimento na Bíblia só ocorre no livro de Jó e nos outros livros escritos após o exílio Babilônico, do ano de 538 a.C. para cá. Nestes livros, já aparece a influência do Zoroastrismo persa. Observe ainda que a tentação de Adão e Eva é feita pela serpente e não por Satanás, demonstrando assim, que o escritor do Gênesis não conhecia Satanás. Os sábios judaicos interpretando o Eclesiastes 10:11, afirmam (**Pirkei de Rabi Eliezer 13**), que na verdade, a cobra que seduziu Adão e Eva era o Anjo Samael que apareceu na terra sob forma de serpente. E que Ele é conhecido como o “**dono da língua**”. O Anjo Samael, que apareceu sob a forma de serpente, usou sua língua, e este poder pode ser usado somente para dominar o sábio. Ele não pode prevalecer sobre um ignorante.

Uma outra observação interessante é que o livro de Samuel foi escrito antes da influência persa no ano de 622 a.C. e, no II livro de Samuel em seu capítulo 24:1, você lê com relação ao Recenseamento de Israel o seguinte: “**A cólera de IAHVÉH se inflamou novamente contra Israel e excitou David contra eles, dizendo-lhe; Vai recensear Israel e Judá**”. Agora veja esta mesma passagem no I livro das Crônicas, que foi escrito no começo do ano 300 a.C., portanto, já sob a influência do Zoroastrismo persa com o já conhecimento de “**Ahriman**”, – “**Satanás**”. No capítulo 21:1 desse livro, está escrito: Recenseamento: “**e levantou-se Satã contra Israel, e excitou David a fazer o recenseamento de Israel**”. Portanto, o que era IAHVÉH no livro de Samuel aparece agora no livro das Crônicas como **SATANÁS**. (Confira em sua Bíblia).

Assim, está evidenciado que Satanás não é um conceito original da Bíblia, e sim, introduzido nela, a partir do Zoroastrismo Persa. Passa a existir a partir daí, “**uma lenda**” entre o povo judeu de que Satanás é considerado como o rei dos demônios, que se rebelara contra Deus sendo expulso do céu. Ao exilar-se do céu, levou consigo uma hoste de anjos caídos, e tornou-se seu líder. A rebelião começou quando ele, Satanás, o maior dos anjos, com o dobro de asas, recusou prestar homenagem a Adão. Afirmam ainda que esteve por trás do pecado de Adão e Eva, no Jardim do Éden, 4 mantendo relação sexual com Eva, sendo

portanto, pai de Caim. Ajudou Noé a embriagar-se com vinho e tentou persuadir Abraão a não obedecer a deus no episódio do sacrifício do seu filho Isaac. Muitas pessoas acreditam no poder de Satanás e até o enaltecem em suas igrejas, razão pela qual, acharmos que seriam fechadas muitas igrejas se os seus dirigentes deixassem de acreditar em Satanás. (SILVA, 2012, p. 277-283) (grifo nosso).

Percebemos que o termo satã nada mais é do que adversário e não a denominação de um determinado ser e podemos identificá-lo na passagem em que Jó é tentado, ou provado por ele, vejamos:

Jó 1,6-12: “Certa vez, foram os filhos de Deus apresentar-se ao Senhor; entre eles veio também Satanás. O Senhor, então, disse a Satanás: ‘Donde vens?’ – ‘Dei umas voltas pela terra, andando a esmo’, respondeu ele. O Senhor lhe disse: ‘Reparastes no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, teme a Deus e se agasta do mal’. Satanás respondeu ao Senhor: ‘Mas será por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoastes seus empreendimentos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende a mão e toca em todos os seus bens: eu te garanto que te lançará maldições em rosto!’ Então o Senhor disse a Satanás: ‘Pois bem, tudo o que ele possui, eu o deixo em teu poder, mas não estendas a mão contra ele!’ Mas Satanás saiu da presença do Senhor”.

Já que satã é uma lenda persa, incutida na cultura hebreia através do convívio com a cultura persa, onde se encontraria a base da ideia dos anjos caídos que é defendido por muitos cristãos? Vemos que no livro de 2ª Pedro e Isaías encontramos a evidência. Vamos analisar agora a tradução em Isaías 14 e 2ª Pedro 1,19 e ver onde se encaixa o termo Lúcifer, verificando o seu real significado. Vejamos:

2 Pe 1,19: Et habemus firmiorem propheticum sermonem cui benefacitis attendentes quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco donec dies elucescat, et **lucifer** oriatur in cordibus vestris. (VULGATA LATINA, p. 1487)

2 Pe 1,19: Assim demos ainda maior crédito à palavra dos profetas, à qual fazeis bem em atender, como a uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso até que desponte o dia e a **estrela da manhã** se levante em vossos corações.

Percebemos que no texto de 2ª Pedro apresentado não se trata de um ser que caiu, ou como queiram muitos crer neste dogma, já que quando Pedro diz que “**estrela da manhã se levante em vossos corações**”, não poderia ele induzir que satanás, ou Lúcifer deveria crescer nos corações dos primeiros cristãos. Vemos que no livro de Isaías encontramos a evidência, vejamos:

Is 14,12-15: Quomodo cecidisti de cælo, **Lucifer**, qui mane oriebaris? corruisti in terram, qui vulnerabas gentes? Qui dicebas in corde tuo: In cælum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum; sedebo in monte testamenti, in lateribus aquilonis; ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo? Verumtamen ad infernum detraheris, in profundum laci. (VULGATA LATINA, p. 849)

Is 14,12-15: “Como caíste do céu, **ó estrela d'alva**, filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações! E, no entanto, dizias no teu coração: ‘Subirei até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha da Assembleia, nos confins do norte. Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo’. E, contudo, foste precipitado ao Xeol, nas profundezas do abismo”.

Satã não é Lúcifer mencionado em Is 14,12, pois Isaías se referia ao Rei da Babilônia, já que a narrativa da passagem inicia-se no capítulo treze, que assim diz: “**Sentença que, numa visão, recebeu Isaías, filho de Amós, contra a Babilônia**”. (Is 13,1). Sentença que se proferia contra a Babilônia e não a um anjo que, inclusive, já houvera caído, segundo os que se apegam à letra que mata. Ele, satã, não é um anjo que se revoltou contra o Senhor. Ele é apenas um acusador, ou seja, um dos “olhos” do Senhor, que anda pela Terra e comparece perante o Senhor para acusar os faltosos e não para se opor contra Javé. Veja, caro leitor, como o fanatismo cega as pessoas fazendo-as ver algo onde ele não existe.

Analisando, dentro da concepção judaica, lemos:

Yeshayahu (Isaías) 14:12 ---"ekh nafaleta mi.shamaím neyel ben-shachar nigda'eta la'aretz cholesh 'al-goyim."---

---“que! Tombada dos céus, astro filho da conjuração. Tu ejetado para a terra, ó vencedor de nações!

O termo -- neyel ben-shachar – também pode significar --- brilhante filho da Aurora ou Alva. Na LXX reza “heosforos = aquele que traz a Aurora”; já Vulgata (Latin) é traduzido por “Lucifer = portador da Luz”, ou seja aquele que porta a claridade, mas que não a possui. Na mitologia de Ugarit é associado a “deidade Attar”, concorrente de Ba'al.

No Oriente Antigo, era comum a observação dos astros e estrelas, e este texto faz alusão ao planeta Vênus, que na época era confundido com mais uma estrela (talvez por falta dos instrumentos modernos), assim o identificavam, porém a TaNaKh nos revelava que se tratava de uma “Falsa Estrela”; pois uma estrela possui luz própria; enquanto Vênus reflete a Luz do Sol, assim como a Lua, é o espelho do Sol e também traz claridade a Noite. ^[4]

No livro de Ezequiel, existe também a alusão da queda de um querubim, ao qual transcrevemos abaixo:

Ez 28:11-19: Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, **levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro**, e dize-lhe: Assim diz o Senhor DEUS: Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônica, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim, unguido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te vêem. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste, e nunca mais subsistirá.

É importante frisar que o profeta está predizendo a queda do rei Tiro, assim como lemos “**levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro**”. Embora alguns isolem os versos 13 e 14 e aludem também a um querubim, ou Lúcifer (satã), igualmente em Isaías 14.

Contudo, o verso 12 anterior é importante ser citado e testificado que a profecia se refere ao rei Tiro, sua soberba e futura queda. Fato este que o CACP isolou a passagem de Ez 28 e passou a interpretá-lo como sendo a satanás a profecia da queda, mas o que o texto se refere é a queda do rei de Tiro. Ainda é o Espiritismo acusado pelo CACP de pinçar trechos da Bíblia, distorcendo-a. Ao contrário acerca da atitude do CACP em mutilar textos da Codificação Espírita, ao apresentarmos em sua totalidade, entendemos que Kardec, com maestria, soluciona a origem do mal que está nas atitudes plenamente humanas. Logo em seguida, o CACP nos informa onde habitam os seres criados perfeitos, e que caíram a quererem ser igual a Deus. Vejamos:

Onde habitam?

Deixemos que a Palavra de Deus responda:

"E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos;"

"Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus."

"E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele." (AP 12:7 a 9)

Numa passagem completamente alegórica do livro do Apocalipse (Ap 12,7-9), o CACP nos diz que os seres demoníacos foram precipitados na terra e este é o local onde habitam, na terra. Tal como fizeram como uma passagem completamente alegórica em Ez 28, o fizeram ao apocalipse. O nosso entendimento é que o adversário será precipitado pela terra, caiu por terra, não existirá mais no tempo em que o bem prevalecer nas consciências humanas. Somente isso que a profecia poderá oferecer. Nada além da interpretação acima da letra. Contudo, o CACP por entender a Bíblia de forma bem literal, desfecha este seu artigo da seguinte forma.

Conclusão

As forças misteriosas que produzem as estranhas manifestações sobrenaturais nas sessões se distinguem por três características, e a Bíblia as atribui a Satanás e seus anjos - os demônios:

•São seres espirituais invisíveis, e só ocasionalmente se materializam, numa forma enganadora. •São mentirosos, impostores, pois se declaram espíritos de mortos, ao passo que a Bíblia afirma que os mortos não podem comunicar-se com os vivos e vice-versa.

Jesus Declara a respeito de Satanás: "Não há verdade nele; quando fala mentira, fala do que lhe é próprio; pois é mentiroso, e pai da mentira". (Jo 8:44)

Desde que lançado fora do Céu com os seus anjos, o principal objetivo de sua existência tem sido enganar, seduzir, impelir os homens para a ruína, e opor-se a toda verdade com respeito a sua própria natureza e a natureza de Deus. Os espíritos nas sessões mostram-se impostores porque declaram falsa identidade.

•São inteligências poderosas e capazes de realizar coisas impossíveis ao homem. Investigações científicas têm provado que as manifestações espíritas são inexplicáveis na moldura de leis naturais conhecidas, e devem ser incluídas entre os fenômenos chamados em linguagem religiosa "milagres".

Dizem as Escrituras que Satanás e seus espíritos malignos agem "com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira". O apóstolo João disse: "E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse." (AP 13:13 e 14)

Jesus advertiu a todos os cristãos: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos." (MT 24:24)

Muito embora tenhamos a mais sincera consideração pelos que ativamente promovem o espiritismo, sentimo-nos obrigados a afirmar, com a autoridade da Bíblia, que o espiritismo tem origem satânica, e sua prática não somente engana os homens, afastando-os do único caminho da salvação mediante o evangelho (que aponta para Jesus Cristo e seu sacrifício vicário), mas freqüentemente perturba a alma, confunde as faculdades mentais e precipita o ser humano numa escravizante dependência dos espíritos, levando à desorientação e ao desespero.

É por isto que a Bíblia condena o espiritismo.

Bibliografia:

- 1. Forças Misteriosas Que Atuam Sobre a Mente Humana, Fernando Chaij,*
- 2. Grandes Verdades Sobre o Espiritismo, Reginaldo Pires Moreira, JUERP.*
- 3. O Império das Seitas, Walter Martin, Editora Betânia.*
- 4. Desmascarando as Seitas, Natanael Rinaldi e Paulo Romeiro, Casa Publ. das Assemb. de Deus.*
- 5. Seitas e Heresias, Raimundo F. de Oliveira, Casa Publ. das Assemb. de Deus.*

Como se não bastasse por aqui, o CACP fez questão de lançar anátema ao Espiritismo, como se todas as manifestações que ocorrem nas seções mediúnicas serem provenientes do engano (Jo 8,34), já que os grandes sinais que os médiuns sérios fazem são justamente o de levar a cura e o alento aos necessitados e não como sinais regados ao mal (Ap 13,13-14). Infelizmente, nem a Bíblia poderá lhes fornecer este embasamento, nem muito menos seus argumentos se sustentam (Mt 24,24), já que os sinais dos falsos profetas não se assemelham aos de ordem séria provindos das comunidades espíritas.

Mediante tudo o que foi analisado, ressaltamos que fomos um pouco duros em nossa defesa, mas o autor desta matéria, ao qual respondemos, usou em seu título algo que pretendeu colocar em seus argumentos a verdade e a inverdade sobre a codificação da Doutrina Espírita e demais obras de Léon Denis. Contudo, identificamos que este foi mais um sofisma e que a verdade apontou para outro lado, ao qual tencionamos em nossos argumentos embasados pela verdade e as inverdades do autor desta matéria, identificadas abaixo, para que os leitores façam juízo em suas conclusões.

- 1) As irmãs Fox não fundaram o Espiritismo em 1848 e sim Kardec codificou o Espiritismo em 1857-1868;

- 2) Deus não se afigura como uma ideia panteísta e sim deísta dentro da codificação espírita;
- 3) Deus não é o nada dentro da visão espírita e sim um ser imaterial, mas tal como a alma, possuindo sua individualidade;
- 4) Jesus não possuiu um corpo fluídico como asseverou Kardec, mesmo tendo a evidência em uma das obras de Roustaing a contragosto do CACP em tentar imiscuir conceitos completamente distintos;
- 5) O CACP apresenta a salvação como não sendo pelas obras em trechos paulinos, mas ignora parábolas de Jesus que arrematam a salvação pelas obras, já que o caráter de julgamento é pelas obras, atestando que a fé sem obras está morta;
- 6) Mais uma tentativa do CACP, em pinçar os textos sagrados e levar seus leitores ao entendimento de que a manifestação espiritual é improvável (Lc 16,27-31), mas ignoram outras evidências de que esta manifestação é possível diante dos encarnados (1 Sm 28 e Mt 17,3), onde sabemos que é com o consentimento do Eterno;
- 7) O CACP asseverou que todas as manifestações espirituais são provenientes de espíritos leviano, ao passo que para fundamentarem sua argumentação, citaram até mesmo Kardec ensinando este postulado. Contudo, ao examinarmos as Escrituras e até mesmo a Codificação Espírita, não passou de uma inverdade esta afirmativa do CACP;
- 8) A origem do mal está num ser voltado ao mal eternamente, tal como o CACP quis nos fazer entender ao ler Ez 28. Contudo, ao examinarmos tal passagem, vemos que é ao rei da babilônia que o texto profetiza a sua queda, não a um ser angelical.

Diante dos pontos abordados, concluímos que as inverdades recaem sobre os argumentos do autor desta matéria que acabamos de responder e não sobre a codificação, numa tentativa hercúlea e sem sucesso! É por isso que o CACP condena o Espiritismo, não percebendo que a 'arma' utilizada, voltou-se contra o próprio CACP, de acordo com as inverdades que apontamos.

Thiago Toscano Ferrari
Janeiro / 2014

Referências bibliográficas:

- Bíblia Sagrada, São Paulo: SBB, 2000.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, São Paulo: PETIT, 2004.
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Rio de Janeiro: FEB, 1996.
KARDEC, A. *A Gênese*, Rio de Janeiro: FEB, 1995.
SILVA, S.C, *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa-PB: Ideia, 2012.
DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2010.
DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. 8ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
DENIS, L. *Depois da Morte*. Brasília-DF: FEB, 2013.
VULGATA LATINA, *Bíblia Sacra juxta Vulgatam Clementinam*, CBCEW, Londres, 2006.

[1] Dicionário on-line: <http://www.dicio.com.br/transcendente/>, consultado 11/11/2013 às 17h.

[2] Dicionário on-line: <http://www.dicio.com.br/imanente/>, consultado 11/11/2013 às 17h.

[3] ROUSTAING, J. B. *Os Quatro Evangelhos – Tomo 1*
[http://bvespirita.com/Os%20Quatro%20Evangelhos%20-%20Tomo%201%20\(Jean%20Baptiste%20Roustaing\).pdf](http://bvespirita.com/Os%20Quatro%20Evangelhos%20-%20Tomo%201%20(Jean%20Baptiste%20Roustaing).pdf)

[4] Traduções do hebraico para português feitas por um judeu ortodoxo no Fórum Evangelho em 2005/2006. (<http://forumevangelho.com.br/>)

Textos sugeridos:

["A Comunicação com os mortos na Bíblia"](#), ["O que é Deus?"](#), ["A fé sem obras está morta"](#), ["Reencarnação ou Penas Eternas?"](#), ["Seremos salvos ou teremos que nos salvar?"](#), ["O diálogo entre Jesus e Nicodemos"](#) e ["Kardec reencarnou-se como Chico?"](#).